



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*A RELAÇÃO COPARENTAL NO DIVÓRCIO: UM  
ESTUDO RETROSPETIVO COM JOVENS  
ADULTOS PORTUGUESES*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

*Ana Isa Teixeira Chaves*

Porto, julho de 2015



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*A RELAÇÃO COPARENTAL NO DIVÓRCIO: UM  
ESTUDO RETROSPETIVO COM JOVENS  
ADULTOS PORTUGUESES*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

*Ana Isa Teixeira Chaves*

Trabalho efetuado sob a orientação de

*Professora Dr.ª Elisa Veiga*

Porto, julho de 2015

*“É necessário abrir os olhos  
e perceber que as coisas  
boas estão dentro de nós,  
onde os sentimentos não  
precisam de motivos, nem  
os desejos de razão.  
O importante é aproveitar o  
momento e aprender a sua  
duração pois a vida está nos  
olhos de quem souber ver.”*

Gabriel Garcia Marques

## Agradecimentos

Aos meus pais e à minha família,  
por me apoiarem nos melhores e piores momentos,  
por desejarem sempre o melhor para mim,  
e por estarem sempre ao meu lado,

À professora Elisa Veiga,  
pela confiança que depositou em mim e no meu trabalho,  
por todo o apoio prestado ao longo deste ano,  
sempre com as palavras certas,  
pelos abraços e gestos,  
mas principalmente pela força que me deu quando mais necessitei.  
Fez com que eu conseguisse ir mais longe.

A todos os professores,  
que me acompanharam ao longo deste caminho na faculdade,  
em especial às professoras Mariana Negrão e Lurdes Veríssimo,  
pela confiança e incentivo que me transmitiram,  
pela exigência e qualidade que foram promovendo em mim.

A todos os meus amigos,  
que sabem quem são,  
por caminharem sempre ao meu lado,  
por toda a ajuda e paciência,  
mas sobretudo,  
à Elda, à Raquel e à Rita  
pelas gargalhadas e sorrisos  
nos momentos em que mais precisei.

A todas as pessoas que,  
direta ou indiretamente  
contribuíram para a conclusão  
de mais uma etapa na minha vida.

*Muito obrigada a todos, sem vocês nada disto  
teria sido possível e vivido da forma como foi!*

## **Resumo**

O presente estudo qualitativo procurou compreender a percepção de jovens adultos sobre a vivência da relação coparental dos pais que se divorciaram durante a infância, adolescência ou início da idade adulta dos filhos. Foram realizadas entrevistas com 5 jovens adultos (4 do gênero feminino e 1 do gênero masculino), com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, que residem na área do grande Porto. Os participantes foram convidados a refletir, através de um guião de entrevista semiestruturado, sobre a interação do pai e da mãe antes e depois do divórcio, os fatores que influenciaram essa relação, e a percepção sobre as principais mudanças sentidas na relação coparental ao longo do tempo. Os resultados parecem sugerir que os filhos têm mais presente a relação coparental durante o casamento dos pais. Esta quebra perante a fase do pós-divórcio faz emergir um conjunto de características negativas que se explicam pela ausência da relação coparental após o divórcio. As características negativas do pai e da mãe no casamento, são vistos como dificuldades em manter a relação coparental no pós-divórcio, e que se verifica através dos desafios emocionais para cada um dos intervenientes. Destaca-se o impacto positivo da separação para todos os intervenientes.

**Palavras-chave:** coparentalidade, divórcio, jovens adultos, investigação qualitativa

## **Abstract**

This qualitative study sought to understand the perception of young adults on the experience of coparental list of parents who divorced during childhood, adolescence or early adulthood of the children. Interviews were conducted with five young adults (4 females and 1 male), aged between 18 and 29 years, residing in the area of Oporto. Participants were asked to reflect, through a semi-structured interview guide on the father's and mother's nteraction before and after the divorce, the factors influencing this relationship, and the perception about the main changes experienced in coparental relationship over time. The results seem to suggest that children are more present at coparental respect for the parents' marriage. This fall before the phase of post-divorce brings out a set of negative characteristics that explain the absence of coparental relationship after divorce. Dad's and mother negative characteristics at the wedding, are seen as difficulties in maintaining coparental relationship post-divorce, and that there is through the emotional challenges for each of the players. It highlights the positive impact of separation for all stakeholders.

**Keywords:** coparenting, divorce, young adults, qualitative reasearch,

## Índice

Introdução.....	1
Enquadramento Teórico .....	2
Do subsistema parental à coparentalidade .....	2
O impacto do divórcio.....	5
A relação coparental em situação de divórcio.....	7
Método.....	10
Participantes .....	11
Instrumento .....	12
Procedimento de Recolha de Dados.....	12
Procedimento de Análise de Dados.....	12
Apresentação e Análise de Dados .....	13
Conclusões.....	27
Referências Bibliográficas.....	28

## **Listagem de Tabelas**

**Tabela 1** – Características da Relação Coparental ao longo do Tempo

**Tabela 2** – Características Individuais do Pai nas diferentes Relações que estabelece ao longo do Tempo

**Tabela 3** - Características Individuais da Mãe nas diferentes Relações que estabelece ao longo do Tempo

**Tabela 4** – Características Individuais do Filho(a) nas diferentes Relações que estabelece ao longo do Tempo

**Tabela 5** – Desafios Individuais ao longo do Tempo

**Tabela 6** – Desafios Familiares ao longo do Tempo

**Tabela 7** - Implicações da Vivência da fase do Pós-Divórcio por cada um dos Participantes

## **Listagem de Anexos**

**Anexo 1** – Guião de Entrevista Semiestruturada

**Anexo 2** – Consentimento Informado

**Anexo 3** – Sistema Integral de Categorias

**Anexo 4** – Descrição do Sistema Integral de Categorias

## Introdução

As histórias das famílias são, cada vez mais, histórias que se contam de forma surpreendente, pois assumem-se como modelos na vida de todos os seus membros, em particular na vida dos filhos (Walsh, 2006). A forma como a parentalidade se exprime ao longo do ciclo de vida da família exige que estas sejam capazes de se ajustarem às mudanças que vão surgindo. Na sua essência mais básica, a coparentalidade diz respeito à atividade partilhada por cada pai e cada mãe responsável pelo cuidado e educação dos seus filhos, no sentido em que cada adulto é capaz de ver a criança ou adolescente como uma pessoa única, com sentimentos e necessidades diferentes das suas (McHale & Irace, 2011). Desta forma, quando os pais e as mães conseguem encontrar estratégias adequadas para trabalharem em conjunto para os seus filhos alcançam a compreensão, comunicação e coordenação mútua, confiança e apoio recíproco, bem como a capacidade de resolverem com êxito as dissonâncias inevitáveis que possam surgir das decisões sobre o melhor interesse das crianças ou jovens (*ibidem*). No entanto, quando as famílias se deparam com acontecimentos de vida como o divórcio, as dificuldades podem acentuar-se. O divórcio é um processo transitório que acarreta inúmeras mudanças, tanto individuais como familiares (Hetherington & Kelly, 2002), e que se traduzem na necessidade do pai e da mãe estabelecerem uma relação coparental entre si e os filhos.

Nas últimas décadas, tem-se assistido em Portugal, a um crescente número de casamentos que terminam em divórcio (Gaspar, Ramos & Ferreira, 2013; Martins, 2010). De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE) o número de divórcios tem aumentado significativamente desde 2000, tendo em 2011 aumentado drasticamente para valores que rondaram os 26751 divórcios anuais, o que corresponde a cerca de 74,2% divórcios por casa 100 casamentos (INE, 2011). Dados mais recentes apontam para um decréscimo Do número de divórcio para o valor de 22,525, ou seja, uma redução de 3,8% (INE, 2013). No entanto, o divórcio, em si mesmo, apresenta menor relevância quando comparado com a forma como os pais se separam e como continuam a exercer a sua relação (*co*)parental (Pruett & Donsky, 2011).

São frequentes os estudos que abordam numa lógica quantitativa a monoparentalidade, a coparentalidade e o divórcio, na qual salientam um leque de fatores protetores e de risco para a própria família, em especial para as crianças. No entanto, poucos são os que dão “voz” aos próprios sujeitos para relatarem as suas

vivências e percepções. Em Portugal assiste-se a uma quebra muito acentuada de investigação qualitativa sobre a temática da coparentalidade no divórcio (eg., Leitão, 2014; Martins, 2010; Pedro, 2013; Verças, 2012), existindo um reduzido número de estudos que tenham desenhado a sua investigação com crianças, pais ou familiares. Este estudo surge como contributo inovador e relevante para literatura existente, pois tem por base a perspetiva dos próprios jovens que vivenciaram o divórcio dos pais. Assim, este estudo propôs-se a estudar a percepção de jovens adultos sobre a relação coparental dos pais antes e depois do divórcio.

## **Enquadramento Teórico**

### **Do subsistema parental à coparentalidade**

As inúmeras transformações pelas quais as famílias passam ao longo de todo o ciclo vital têm conduzido a uma crescente preocupação em torno do papel dos pais e das mães relativamente à educação dos seus filhos (Cruz, 2005; Pires, 2014). Neste sentido, o conceito de família tem vindo a assumir um carácter global e complexo, centrado em múltiplas tendências e configurações económicas, políticas, sociais, culturais, tecnológicas e demográficas, que se manifestam através do surgimento de novas organizações e relações familiares (Dias, 2000). Ao longo do tempo tem-se assistido a uma modificação profunda na estrutura e na dinâmica da família na sua organização interna, nomeadamente a saída da mulher de casa para trabalhar fora e ter uma atividade económica; a diminuição do número médio de filhos; o aumento do número de pessoas que vivem sós; o aumento de famílias recompostas, devido ao número crescente de divórcios; o aumento das uniões de facto; e, mais recente, o aparecimento de famílias homossexuais (Dias, 2011). No entanto, todas as organizações familiares são vistas como entidades dinâmicas, com uma identidade própria, constituída por membros unidos por laços afetivos ou de interesse que constroem, num determinado espaço e tempo, uma história de vida única e irreplicável (Alarcão & Relvas, 2002). Assim sendo, e através do processo de socialização, a família desempenha um papel estabilizador que procura adaptar os indivíduos às mudanças na estrutura em que estão inseridos (*ibidem*).

A transição para a parentalidade assume-se como uma das mudanças familiares mais marcantes na vida dos indivíduos, pois para além dar início a uma nova fase do ciclo de vida da família, envolve modificações individuais ao nível cognitivo, biológico

e afetivo, mas também reformulações a nível familiar e social (Vicente, 2010). Nos dias de hoje, a parentalidade é entendida pela comunidade científica como sendo o conjunto de atividades proporcionadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos, a fim de garantir a criação de um ambiente seguro e de promover a autonomização gradual do desenvolvimento e socialização (Barroso & Machado, 2010) utilizando os recursos de que dispõe dentro da família e fora, na comunidade (Cruz, 2005). Desta forma, a parentalidade é descrita como uma das tarefas mais complexas, com maiores desafios e responsabilidades para o ser humano, visto que integra um conjunto de funções atribuídas aos pais para o desenvolvimento pleno dos filhos (Pires, 2014).

Neste âmbito, surge alicerçado ao conceito de parentalidade um outro termo fundamental – a coparentalidade – no sentido em que diz respeito à forma como o pai e a mãe coordenam os seus papéis parentais, como se apoiam e como gerem os conflitos existentes face à educação dos filhos (Feinberg, 2002). A coparentalidade é encarada como um subsistema autónomo em relação aos subsistema parental e conjugal (Feinberg, 2003), uma vez que ser pai e ser mãe não implica obrigatoriamente uma relação conjugal, bem como também não se limita aos indivíduos casados, podendo estar presente tanto em casais divorciados, como separados ou que vivam em união de facto (Van Egeren & Hawkins, 2004). Ao invés da relação parental, definida na literatura como a relação que cada pai estabelece individualmente com o seu filho e operacionaliza-se através dos estilos e práticas parentais (Lamela, Figueiredo & Bastos, 2013), a coparentalidade caracteriza-se pela relação dinâmica entre os dois pais cuidadores da criança (Van Egeren, 2004), sendo que o bem-estar e a satisfação dos filhos estão diretamente relacionados com o grau de responsabilidade, de acordo e de coordenação entre os pais (Esteves, 2010).

De acordo com a investigação conduzida por Verças (2012) existem duas componentes essenciais que asseguram, simultaneamente, o funcionamento ajustado da família e o desenvolvimento harmoniosos das crianças no seio familiar. A primeira componente diz respeito à qualidade da coparentalidade, isto é, às relações bidirecionais que se estabelecem entre a mãe, o pai e a criança e, que afetam e são afetados pelos comportamentos e atitudes uns dos outros (Feinberg, 2002; Prati & Koller, 2011; Van Egeren & Hawkins, 2004). A segunda componente está relacionada com o tipo de vinculação que é estabelecida entre os pais e a criança. A vinculação é um importante fator protetor para a adaptação psicológica e para a organização da experiência face a

situações adversas e *stressoras* (Lamela, Figueiredo & Bastos, 2010). Neste sentido, a literatura tem apontado para a importância de uma vinculação segura, pois reduz o risco dos indivíduos desenvolverem problemas de comportamento, ansiedade, tristeza e rejeição, assim como potencia a autonomia e a exploração de novas situações (Nunes-Costa, Lamela & Figueiredo, 2009; Raposo, Figueiredo, Lamela, Nunes-Costa, Castro & Prego, 2011).

Feinberg (2003) propôs um modelo compreensivo dos fatores individuais, familiares e extrafamiliares que influenciam a coparentalidade – O Modelo Ecológico da Coparentalidade. Estudos, como o de Van Egeren (2004) e Cruz (2005), referem que há diferenças, ainda que pequenas, na percepção da coparentalidade por parte dos pais e das mães. Enquanto os pais apresentam uma maior satisfação em relação às mães, estas, por sua vez, tendem a envolver-se e a investirem mais nas crianças que os pais (Esteves, 2010). No entanto, não podemos assumir uma relação linear entre as diferenças individuais dos pais e das mães perante a coparentalidade. As características individuais da própria criança também exercem uma importante influência no modo como os pais cooperam entre si, destacando-se o temperamento (Verças, 2012), o nível desenvolvimental (idade) e o sexo (Esteves, 2010; Verças, 2012). Crianças com um temperamento mais fácil, inteligentes, responsáveis e socialmente sensíveis apresentam mais competências para ultrapassar conflitos familiares e se adaptarem funcionalmente a novas situações (Verças, 2012). Por sua vez, a literatura refere que cada progenitor usa estratégias cognitivas verbais mais desafiadoras quando se trata de crianças do género oposto do seu, gerando diferentes respostas parentais (Leaper, 2002). De acordo com McKinney e Renk (2007), os pais e as mães estabelecem estilos parentais diferentes tendo por base o sexo e a idade da criança. Isto significa que os pais têm que encontrar estratégias adequadas à relação próxima que estabelecem com o filho e ao seu desenvolvimento cognitivo.

No que concerne às influências familiares, Feinberg (2003) considera como fator determinante da relação coparental a dinâmica interparental, onde se destacam duas competências centrais dos progenitores – o suporte e o respeito. Estas duas componentes, para além de fundamentais para atingir uma relação coparental eficaz, são fundamentais para o desenvolvimento de uma comunicação adequada, pela partilha dos papéis e tarefas parentais e, por uma redução dos problemas de externalização das crianças (Ferrante, 2005; Grzybowski & Wagner, 2010; McConnell & Kerig, 2002).

Por último, e em relação às influências extrafamiliares, é referido que o suporte social constitui-se como um fator protetor que ajuda os indivíduos a lidarem com as experiências *stressoras* (Johnson & Sarason, 1978, cit. in Feinberg, 2003). Através desta perspetiva, os fatores socioeconómicos e todos os apoios sociais presentes nas famílias influenciam direta e indiretamente a coparentalidade, através quer das relações interparentais, quer das características individuais dos pais (Feinberg, 2003).

Nas últimas décadas tem-se assistido a uma visível emergência da coparentalidade enquanto constructo psicológico, em particular no estudo das relações familiares nucleares (pai-mãe-filho) após o divórcio (Frizzo, Kreutz, Schmich, Piccinini & Bosa, 2005; Lamela, Figueiredo & Bastos, 2013; Verças, 2012).

### **O impacto do divórcio**

Compreender a relação que se constrói após uma situação de rutura conjugal implica ter por base a qualidade das relações estabelecidas enquanto o casal ainda estava junto, assim como perceber que mudanças esse acontecimento gerou no seio familiar para cada um dos membros (Schoppe, Mangelsdorf & Frosch, 2001).

O divórcio tem sido definido na literatura como um acontecimento de vida exigente que coloca inúmeros desafios na regulação desenvolvimental dos indivíduos (Lamela, Figueiredo & Bastos, 2010; Martins, 2010). Embora não seja percecionado por todos como algo que acarreta mudanças negativas, a verdade é que é sentido pela maioria das pessoas como um evento gerador de desorganização e de perdas (Hetherington & Kelly, 2002). Neste sentido, o divórcio é vivenciado por cada indivíduo de forma única, dependendo da qualidade das relações estabelecidas antes do momento do divórcio e, exige que cada elemento seja resiliente para ultrapassar as situações negativas da separação (Martins, 2010).

Nas últimas décadas, o divórcio tem sido referenciado na literatura como uma das principais transições não-normativas (Cavanaugh & Blanchard-Fields, 2010) que exige a cada um dos adultos a difícil tarefa de conciliar as necessidades desenvolvimentais dos filhos com as suas próprias necessidades de adaptação ao divórcio (Adamsons & Pasley, 2006). O impacto do divórcio nos filhos e nos pais tem sido alvo de inúmeras investigações nos últimos 30 anos (Taylor & Andrews, 2009). Segundo Amato (2000), o divórcio apresenta consequências nefastas para ambos os ex-cônjuges envolvidos e filhos. A literatura tem referido como principais consequências para as crianças o impacto da rutura da aliança parental (eg., ausência de suporte e coordenação entre o pai

e a mãe sobre a educação e os cuidados básicos dos filhos) (Feinberg, 2003; Van Egeren & Hawkins, 2004) e o distanciamento emocional (eg., falta de apoio e de contacto com um dos progenitores) (Bodenmann *et al.*, 2007). De acordo com Nunes-Costa e colaboradores (2009), é nos dois primeiros anos após o divórcio que o impacto é mais acentuado ao nível emocional em crianças mais novas. Braver e colaboradores (2006) referem que após a dissolução conjugal podem emergir alguns fatores responsáveis pelo desajustamento pessoal dos ex-cônjuges, como por exemplo a diminuição acentuada dos recursos financeiros; problemas de saúde; diminuição das competências parentais e aumento da sintomatologia psicopatológica. Desta forma, a literatura tem sido consonante ao descrever que tanto crianças, adolescentes como adultos cujos pais se tenham separado, estão duas vezes mais propensos a desenvolverem problemas de ansiedade, impulsividade, depressão e comportamentos antissociais (Hetherington & Kelly, 2002). Se é verdade que a investigação se centra fundamentalmente nos aspetos negativos do divórcio, também outros autores têm apresentado estudos que descrevem o contrário. Caldera e Lindsey (2006) referem que uma boa relação entre a família alargada após o divórcio é um importante fator protetor da coparentalidade. Por sua vez, King e Raspin (2004) e Lamela (2009) sugerem que o divórcio pode contribuir para o aparecimento de maiores sentimentos de bem-estar e de realização pessoal; de maior crescimento e complexificação pessoal; bem como na construção de novas relações íntimas mais satisfatórias. Esta ambiguidade é consequência direta da capacidade que cada pessoa tem para utilizar os seus recursos pessoais (como são exemplos os estilos interpessoais, as estratégias de *coping* e as competências de regulação emocional e comportamental), e contextuais, tanto durante como após o processo de divórcio (Hetherington, 2006). Deste modo, são vários os fatores explicativos que emergem na transição do divórcio, como por exemplo fatores demográficos; fatores extrínsecos (eg., família, sistema de suporte, alternativas ao casamento ou barreiras ao divórcio) e intrínsecos ao casamento (eg., felicidade, interação e conflitos conjugais), bem como valores individuais e atitudes, tanto em relação ao divórcio como expectativas face ao casamento (Amato & Booth, 2000).

De acordo com a revisão da literatura, a forma como os filhos interpretam o divórcio dos pais influencia o modo como se adaptam às situações (Amato, 2000). A resiliência, de acordo com Barnes (1999) é uma das características fundamentais para as famílias conseguirem ultrapassar as consequências negativas do divórcio parental. O modo como cada elemento responde ao *stress* gerado varia consoante os recursos que

têm à sua disposição, como por exemplo a inteligência e a autoeficácia, que embora não melhorem o seu bem-estar, ajudam a lidar com as principais pressões do cotidiano (Martins, 2010).

De acordo com os autores Sobral, Almeida e Costa (2010), o divórcio do pai e da mãe parece estar implicado na adaptação relacional de jovens adultos, na medida em que podem ser uma das muitas experiências significativas vividas pelos filhos ao longo da sua história desenvolvimental e que poderão condicionar a percepção que o próprio jovem tem de si e do mundo em geral que o rodeia, assim como nas relações de intimidade que podem passar a ser lidas como uma ameaça, em particular à sua integridade psicológica (Toomey & Nelson, 2001). No entanto, a literatura não é unânime quanto aos efeitos negativos do divórcio, existindo inúmeros estudos que não verificam diferenças significativas entre os filhos de pais divorciados relativamente à vinculação e ao medo da intimidade (eg., Brooks, 2008; Schulman, Scharf, Lumer, & Maurer, 2001) (cit. in Sobral, Almeida & Costa, 2010).

### **A relação coparental em situação de divórcio**

Muitos são os estudos que se têm preocupado em compreender quais são as práticas parentais mais comuns e as possíveis diferenças ao nível do envolvimento de cada pai e cada mãe com os seus filhos nas diferentes configurações familiares (Frizzo, *et al.*, 2005; Grzybowski & Wagner, 2010; Maccoby, Depner & Mnookin, 1990).

A qualidade da coparentalidade após o divórcio está presente quando os pais são capazes de interagir e de tomar decisões acerca da educação, dos cuidados de saúde, valores religiosos e atividades sociais das crianças (Ganong & Coleman, 2004). Esta relação estabelecida entre o pai e a mãe não se traduz na necessidade de se envolverem face-a-face, mas sim de serem capazes de seguirem algumas regras comunicacionais entre eles sobre a educação do filho e sobre alguns níveis de interação de cada pai com a criança. A literatura a este respeito tem destacado algumas diferenças ao nível das relações entre casais e ex-casais, que acentuam as diferenças de comunicação entre os pais sobre as decisões em torno dos filhos com principal ênfase para as mudanças habitacionais, maiores despesas económicas e um maior número de conflitos nos pais divorciados (McBroom, 2011). A autora acrescenta também que é compreensível que os casais que vivenciaram um relacionamento pautado pelo conflito durante o casamento tenham maiores dificuldades em encontrar estratégias parentais eficazes com o ex-cônjuge depois do divórcio.

A investigação conduzida por Bailey e Zvonkovic (2003), permitiu compreender que a maioria dos pais não residentes procurava manter-se presente na vida dos seus filhos após a separação. De acordo com as autoras, o desafio de manter o envolvimento parental com o filho e de partilhar responsabilidades com o ex-cônjuge está diretamente relacionado com a sua identidade parental, ou seja, a forma como o pai percebe que os outros o veem influencia a capacidade de se manter envolvido no papel de pai. Por sua vez, na investigação conduzida por divorciados com filhos em idades escolar (pais e mães), as autoras observaram um maior envolvimento por parte dos pais (sexo masculino) ao nível social (passeios com os filhos e visitas) do que as mães, mais disponíveis no espaço privado (em casa), e que se traduzia numa maior prestação de suporte afetivo e didático (escola/conhecimentos).

Nas últimas décadas, a revisão da literatura por diversos autores tem destacado a importância dos diferentes padrões de interação entre pais e filhos perante o desenvolvimento dos mesmos. Estes padrões variam consoante as características individuais dos membros da família, da satisfação conjugal e profissional dos pais, assim como da própria rede de apoio familiar (Grzybowski & Wagner, 2010).

O estado de arte centrado no divórcio e na parentalidade descreve a existência de inúmeros estilos coparentais possíveis dos pais divorciados trabalharem entre si para minimizarem as necessidades dos seus filhos (Roberson, Sabo & Wickel, 2011). De acordo com Maccoby, Depner e Mnookin (1990) e Roberson e colaboradores (2011), os padrões melhor descritos na literatura são padrão: 1) o estável-cooperante; 2) o conflituoso; e, 3) o descomprometido.

A coparentalidade estável-cooperante é caracterizada por ambos os pais trabalharem a parentalidade harmoniosamente em conjunto para os seus filhos. Ao nível comportamental, este padrão inclui uma disciplina consistente entre as duas casas habitadas pelas crianças/adolescentes; uma comunicação regular entre os pais sobre o desenvolvimento dos filhos; níveis mínimos de conflitos e ausência de estratégias que deteriorem a interação que cada pai mantém individualmente com os filhos; assim como de limites claros e flexíveis (Lamela, Figueiredo & Bastos, 2010; Roberson, Sabo & Wickel, 2011). Este padrão coparental em casais divorciados requer unidade e simetria nas práticas parentais, ou seja, implica que os pais trabalhem em conjunto como uma verdadeira equipa na educação dos filhos (Stright & Neitzel, 2003). A coparentalidade cooperativa é o subtipo mais saudável e promotor de oportunidades ótimas de

desenvolvimento das crianças cujos pais estão separados (Maccoby, Depner & Mnookin, 1990).

Relativamente ao segundo estilo coparental - conflituoso - a literatura descreve-o como um padrão caracterizado por elevados níveis de raiva, desconfiança, hostilidade, criticismo e competição; bem como por agressão verbal e física entre os pais, e que afeta a relação estabelecida entre toda a família (McIntosh, 2003). A natureza volátil deste padrão coparental é responsável pela dificuldade em criar um ambiente familiar estável, que permita a comunicação adequada entre os pais e os filhos. Desta forma, a postura assumida por cada um dos progenitores interfere, frequentemente, com as tentativas de implementar uma disciplina consistente (Lamela, Figueiredo & Bastos, 2010).

O último padrão coparental referenciado na literatura por Maccoby e colaboradores (1990) é o estilo descomprometido. O descomprometimento normalmente surge quando um dos pais se apercebe que não está capaz de redefinir o seu papel parental, enquanto que o ex-cônjuge está (Roberson, Sabo & Wickel, 2011). Outras razões, mencionadas pelas autoras, para este afastamento, remetem para razões interpessoais, tais como a rejeição por parte da criança; o ex-cônjuge gerar um afastamento na relação entre a figura parental não residente com o filho; a localização geográfica das habitações; e, a insatisfação com a experiência de visitas (Baum, 2006). Esta prática parental é marcada por um estilo comunicacional rudimentar entre o pai e mãe com a criança (Maccoby, Depner & Mnookin, 1990). De acordo com Macie (2002), dois terços das famílias cujos casais se encontram divorciados acentuam as práticas de triangulação intergeracionais, ou seja, apresentam poderosas alianças entre pai-mãe-filho (cit. in Lamela, Figueiredo & Bastos, 2010). Assim sendo, estas práticas paralelas e dessincronizadas contribuem de forma acentuada para o enfraquecimento da percepção das crianças sobre a aliança parental, assim como fomentam o conflito interparental e o desajustamento familiar (Nunes-Costa, Lamela & Figueiredo, 2009). As dinâmicas familiares após o divórcio necessitam que estejam presentes fatores que mediem todas as modificações pela qual a família está a passar, e que dizem respeito ao baixo nível de conflitos e de disfunção familiar; às competências de *coping* presentes nos filhos; bem como à rede de apoio com que os membros podem contar (Lamela, Figueiredo & Bastos, 2013). Neste sentido, o ajustamento familiar está presente sempre que cada membro é capaz de responder eficazmente às suas funções familiares e necessidades, mesmo em situações de *stress*, como pode ser o divórcio (Beavers & Hampson, 2000; Epstein, Ryan, Bishop,

Miller & Keitner, 2003). Assim, a família assume-se como a principal rede relacional para os membros, sendo que a sua dinâmica permite compreender os níveis de ajustamento psicológico de cada indivíduo (Verças, 2012). Pais cooperantes dão prioridade ao bem-estar dos filhos, ao mesmo tempo que procuram criar e manter uma relação construtiva, com fronteiras mais flexíveis e maleáveis entre si. A qualidade das relações interfamiliares e a adaptação da família ao meio que a rodeia resultam de uma boa coordenação entre os pais e uma sólida rede de suporte (Feinberg, 2003; Van Egeren & Hawkins, 2004).

### **Método**

O presente estudo tem como principal objetivo compreender a percepção de jovens adultos sobre a vivência da relação coparental dos pais em situação de divórcio, desde a infância até ao momento atual. Procurando responder às seguintes questões de investigação: **1)** Qual a percepção de jovens adultos sobre a relação coparental dos pais antes e depois da vivência do divórcio?; **2)** Que características individuais dos pais e dos filhos facilitaram e/ou dificultaram os relacionamentos entre pai-mãe, pai-filho e mãe-filho?; **3)** Quais os desafios inerentes à relação coparental após a vivência de uma situação de divórcio?; **4)** Qual a percepção dos filhos sobre o impacto do divórcio e das relações coparentais na vivência da intimidade na idade adulta? A qualidade das relações coparentais é uma dimensão central para a compreensão do funcionamento adaptativo das famílias a acontecimentos de vida que implicam mudanças e reajustes nos seus membros. A maioria dos estudos revistos apontam no sentido de enaltecer a importância das relações parentais eficazes - coparentalidade positiva - entre pais e filhos, uma vez que contribuem para um adequado ajustamento dos filhos ao processo de adaptação ao divórcio (Aires, 2011; Esteves, 2010; McIntosh, Burke, Dour & Gridley, 2009; Ritchie, 2003; Verças, 2012). Neste sentido, e com o intuito de compreender a percepção dos filhos sobre a vivência da relação coparental durante o divórcio dos pais, a presente investigação assumiu um *design* retrospectivo tendo por base uma abordagem metodológica indutiva.

De acordo com Wilson e Hutchinson (1997), a investigação qualitativa apresenta um grande potencial para esclarecer significados pessoais, apresentar histórias ricas em detalhe, aprofundar e interpretar o mundo social, criar teorias através das experiências, perspectivas e histórias das pessoas, bem como preservar condições culturais e contextuais. Assim, pretende-se que a construção da informação vá emergindo da

globalidade e da compreensão dos fenómenos abordados, sem nunca os fragmentar ou descontextualizar da realidade única dos indivíduos (Denzin & Lincoln, 2011), permitindo desta forma uma descrição e interpretação complexa dos fenómenos (Creswell, 2013). Esta abordagem metodológica irá também criar a oportunidade de enriquecer o estado de arte com “*percepções daqueles cujas vozes raramente são ouvidas*” (Asante, Osafo & Nyamekye, 2014, p. 18), pois estará a construir uma visão alargada das histórias pessoais e dos significados subjetivos que os participantes atribuem às suas vivências (Kauark, Manhães & Medeiros, 2010; Saldaña, 2011).

## **Participantes**

Os participantes selecionados intencionalmente para este estudo foram 5 jovens adultos, com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos que vivenciaram, durante a infância, adolescência ou início da idade adulta, o divórcio dos seus pais. Esta delimitação resultou de três aspetos centrais, **1º**) A investigação nesta área sugerir a pertinência de estudos que salientem a percepção do impacto da vivência co(parental) dos filhos que tenham os pais divorciados (Assante, Osafo & Nyamekye, 2014; Grzybowski & Wagner, 2010); **2º**) Por ser uma faixa etária onde existe uma percepção consolidada e mais desenvolvida sobre acontecimentos de vida passados (Hawkins & Fackrell, 2009); e **3º**) Da necessidade de situar temporalmente a idade dos participantes. Assim, os participantes do estudo foram selecionados por conveniência, através de contactos pessoais da investigadora e por indicação de outros intervenientes, sendo os únicos critérios de participação a inclusão na faixa etária descrita, bem como terem experienciado o processo de divórcio dos seus progenitores durante a infância, adolescência ou início da idade adulta, principalmente por trazerem visões distintas das suas vivências ao longo do ciclo de vida, tanto antes como depois do divórcio. Por sua vez, foram critérios de exclusão jovens adultos que tenham crescido sem manter contacto com um dos pais, uma vez que à partida não estariam presentes as bases para uma relação coparental.

Segue-se a descrição da amostra onde foi possível compreender que todos os participantes residem na área metropolitana do Grande Porto, sendo um participante do género masculino e os restantes do género feminino, que vivenciaram o divórcio dos seus pais entre os 6 e os 21 anos de idade. Apenas duas das participantes têm atualmente filhos (menores). Ao nível profissional todos se encontram a trabalhar, com exceção do participante mais novo que ainda estuda.

## **Instrumento**

A entrevista semiestruturada surge como o método de recolha de dados mais adequado, na medida em que criou a oportunidade de interagir com os participantes previamente selecionados e permitiu compreender os significados que cada um atribui à sua história de vida (Flick, 2009). Desta forma, foi elaborado um guião de entrevista para o efeito, constituído por três dimensões centrais: 1) Componentes da Coparentalidade: Interação pai-mãe antes e depois do divórcio, na qual fazem parte aspetos como 1.1) Comunicação; 1.2) Conflitos; 1.3) Cooperação; e 1.4) Evolução da Relação Coparental; 2) Fatores que influenciaram a Relação Coparental, que dizem respeito a 2.1) Características individuais do pai, da mãe e do filho; 2.2) Acontecimentos de Vida; 2.3) Sentimentos; 2.4) Acontecimentos Normativos; e 2.5) Relações com a Família Alargada; e por último, 3) Perceção sobre a mudança na Relação Coparental, na qual se procurou explorar 3.1) Desafios; 3.2) Representações sobre o Papel do pai e da mãe; assim como as 3.3) Implicações para o Percorso Desenvolvimental do Filho na Adulter (Anexo 1).

## **Procedimento de Recolha de Dados**

Foram realizados contactos telefónicos com todos os participantes, onde lhes foi explicado os objetivos do estudo, a necessidade de realizar uma entrevista que seria gravada em áudio e o pedido de participação. Após a disponibilização individual dos participantes, foi agendado o dia, hora e local mais conveniente a cada indivíduo para a realização da entrevista que era precedida pela assinatura do consentimento informado (Anexo 2) e realização das entrevistas. Em todos os casos as entrevistas foram realizadas no local de trabalho de trabalho dos participantes, com exceção do estudante que foi em sua casa. Este processo iniciou com uma breve exploração dos objetivos do estudo e da explicação do que seria realizado, enaltecendo as questões de confidencialidade da informação e o uso dos dados apenas para a investigação em causa. Neste sentido, as cinco entrevistas realizadas foram gravadas em áudio com a respetiva autorização dos participantes, e em média tiveram uma duração de uma hora e meia.

## **Procedimento de Análise de Dados**

Para a análise das entrevistas obtidas, foi conduzida uma Análise de Conteúdo orientada numa lógica Semi-Indutiva, inspirada pelos princípios da *Grounded Theory*.

Esta abordagem metodológica revela-se a mais adequada quando estamos perante um fenómeno pouco explorado e pretendemos aceder às perceções dos participantes, neste caso a perceção dos filhos sobre a vivência do divórcio dos pais. Por outro lado, revela-se útil quando é necessário comparar diferentes situações em períodos de tempo também eles distintos (Elo & Kyngäs). Assim, num primeiro momento procedeu-se à transcrição das entrevistas, e posteriormente, recorreu-se ao *Software Nvivo 10.0* para uma leitura flutuante dos dados e que permitiu, gradualmente a construção de um Sistema de Categorias (*Anexo 3*). Através da codificação dos dados recolhidos foi possível transformar os dados brutos do texto em descrições explícitas das categorias e dos respetivos códigos criados para o efeito (*Anexo 4*), esclarecendo-nos sobre a descrição das características recolhidas em cada uma das experiências dos indivíduos (Graneheim & Lundman, 2004). O processo evoluiu da codificação descritiva assente num processo de comparação constante para a codificação axial que se consubstanciou no agrupamento das subcategorias em categorias mais abrangentes conceptualmente (Strauss & Corbin, 1990). No sentido de assegurar maior rigor no processo de codificação este foi sendo alvo de reflexão envolvendo outro elemento da equipa.

### **Apresentação e Análise dos Dados**

A apresentação dos resultados será conduzida pelas questões de investigação e convocou as categorias e subcategorias que presentes no nosso sistema se revelavam pertinentes, estando no texto assinaladas por maiúsculas, a bold ou sublinhadas.

#### **1) Qual a perceção de jovens adultos sobre a relação coparental dos pais antes e depois da vivência do divórcio?**

Para responder a esta primeira questão de investigação cruzamos as **CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO** (1.), **Negativas** (1.1.) e **Positivas** (1.2.), com o **TIPO DE RELAÇÃO** (11.), que aqui se apresenta apenas pela subcategoria **Coparental** (11.1.), estabelecida ao longo do **TEMPO** (10.), mais concretamente nas subcategorias **Casamento** (10.1.) e **Pós-Divórcio** (10.3.) com o objetivo de perceber como é que as características positivas e negativas se apresentavam antes e após o divórcio. Assim, foi possível obter os resultados presentes na seguinte tabela (**Tabela 1. Características da Relação Coparental ao longo do tempo**).

**Tabela 1.** Características da Relação Coparental ao longo do Tempo<sup>1</sup>

Tempo	Características da Relação Coparental	
	Características Negativas	Características Positivas
Casamento	58	76
Divórcio	11	6

No que diz respeito às **Características da Relação Coparental durante o Casamento** os intervenientes são descritos pelos participantes como apresentando simultaneamente características positivas e negativas na fase do casamento. Nesta etapa são principais **Características Negativas**, o estar ausente (1.1.2.) [*O meu pai estava sempre fora... ou estava ocupado.* (J.)], apenas não mencionado por F.; reportado por três dos participantes, o desgaste (1.1.6.) [*... a minha mãe sentia-se desgastada com a ausência do meu pai quando começou a trabalhar.* (V.)]; o estar distante (1.1.7.) [*Começou a ficar tudo distante entre nós...* (J.)], exposto por todos os entrevistados; e a existência de intermediários na relação (1.1.13.) [*Lembro-me de o meu pai estar no escritório... e a minha mãe na sala e de eu ser chamada, e levar post-its de um lado para o outro...* (F.)], referido também por V. e por L.. Por sua vez, e ainda relativamente ao período que marca o **Casamento** surgiram também **Características Positivas na Relação Coparental**, destacando-se, a abertura (1.2.1.) [*... eles nunca tentaram esconder-me nada... sobre eles ou sobre mim.* (J.)], mencionada por três participantes; o estabelecimento de uma relação de acordo-congruente (1.2.2.) é por sua vez reportada por quatro dos entrevistados [*... lembro-me de ter sido uma coisa dos dois, de ter olhado para um e para outro... os dois consentiram naquilo.* (F.)]; uma boa relação (1.2.6.) [*Dávamo-nos todos bem...* (M.)] referida por quase todos os jovens adultos, com exceção de F.; uma relação equilibrada (1.2.12.) foi reportada por três dos participantes [*Podia se calhar não haver uma gestão perfeita, mas eles conseguiam fazer os dois as coisas.* (V.)]; e uma relação respeitosa (1.2.25.) [*Eu sentia que havia ali muito respeito.* (J.)], referida também por M. e por V..

<sup>1</sup> O conteúdo apresentado nesta tabela e nas seguintes diz respeito às referências provenientes das entrevistas realizadas aos participantes e codificadas no Sistema Integral de Categorias através do programa *Nvivo 10.0*.

Relativamente às **Características da Relação Coparental** na fase do **Pós-Divórcio** (9.3.) parecem estar presentes mais características negativas na relação coparental do que positivas. Deste modo, como principais **Características Negativas** destacam-se os códigos, ausente (1.1.2.) [... *eles nunca mais falaram...* (L.)] reportado simultaneamente por M.; e conflituosa (1.1.3.) [*Discussões por tudo, desde mudar de escola... a área que escolho...* (L.)].

Desta forma, é possível verificar que as **Características da Relação Coparental** na fase do **Casamento** estão mais evidenciadas para os filhos, tanto no que diz respeito às **Características Positivas** como as **Características Negativas**, relativamente à fase do **Pós-Divórcio**. No entanto, os jovens adultos associam as **Características Negativas da Relação Coparental** à fase do **Pós-Divórcio**, visto que é bastante saliente o testemunho de que a **Relação Coparental** quase que deixou de existir, passando a estar mais presente a **Relação Pai-Filho e Mãe-Filho**, e não tanto a Coparental. Neste sentido, verifica-se que esta relação é marcada pela ausência de um dos progenitores ou pelo conflito em chegar a consenso relacionados com as responsabilidades dos filhos, quando menores. Uma outra razão que pode explicar a ausência de discursos dos participantes sobre a fase do **Pós-Divórcio** pode estar relacionada com a idade dos filhos quando ocorreu o divórcio, pelo que quanto mais velhos maior independência e menor envolvimento dos pais.

De acordo com Lamela, Costa e Figueiredo (2008) a coparentalidade está diretamente relacionada com a forma como as figuras parentais se relacionam entre si para satisfazerem as necessidades básicas e de educação dos filhos. Contudo, estes autores acrescentam que a relação coparental estabelecida entre o pai e a mãe não depende apenas da presença física de ambos, mas sim se cada um deles prejudica ou coopera na relação através da interação com os seus filhos (*ibidem*). Desta forma, entende-se que as características percebidas pelos diversos participantes sobre a própria relação coparental influenciem a forma como descrevem cada uma das fases vividas.

## 2) Que características individuais dos pais e dos filhos facilitaram e/ou dificultaram os relacionamentos entre pai-mãe, pai-filho e mãe-filho?

A segunda questão de investigação procura compreender que **CARACTERÍSTICAS DOS INTERVENIENTES** (2.), **Negativas** (2.1.) ou **Positivas** (2.2.) se relacionam com o **TIPO DE RELAÇÃO** (10.) que cada interveniente

estabelece ao longo do **TEMPO** (9.), nas fases de **Casamento** (9.1.) ou **Pós-Divórcio** (9.3.). Para isso serão apresentadas três tabelas de resultados.

**Tabela 2.** Características Individuais do Pai nas diferentes Relações que estabelece ao longo do Tempo

Tipo de Relação	Características Positivas do Pai		Características Negativas do Pai	
	Casamento	Pós-Divórcio	Casamento	Pós-Divórcio
Coparental	8	0	39	1
Pai-Filho	3	7	6	11
Pai-Madrasta	0	0	0	0
Pai-Mãe	0	0	4	0
<b>Tempo</b>	Casamento	Pós-Divórcio	Casamento	Pós-Divórcio

Tendo por base as **Características Individuais do Pai**, é possível verificar que os entrevistados destacam as **Características Negativas do Pai** como estando mais presentes na **Relação Coparental** na fase do **Casamento**. Ao nível desta relação, três jovens adultos consideram o pai como uma figura ausente (2.1.1.) [*A única vez que estava com os meus pais era à noite, de manhã ia para a escola, chegava à noite e jantava tarde... a maior parte das vezes o meu pai também não estava em casa... também trabalhava ao sábado... (J.)*] e exigente (2.1.8.) [*O meu pai, sem dúvida... ele era muito exigente... a partir do momento em que via que estávamos a passar das marcas então repreendia-nos... (V.)*]. Ainda relativamente à **Relação Coparental** estabelecida na fase do **Casamento**, é possível identificar uma **Característica Positiva do Pai**, nomeadamente o estar presente (2.2.17.) [*Aos domingos era o único dia em que me sentia como se fosse meu pai... era o dia em que ele tinha tempo para nos dar atenção. (J.)*], reportada por quatro dos participantes. Desta forma, é possível compreender que as **Características Negativas do Pai dificultaram a Relação Coparental durante a fase do Casamento**. Contudo, verifica-se também que a presença deste interveniente na **Relação Coparental** é interpretada pelos participantes como um facilitador da relação quando está presente, na medida em que pode estar presente uma carga emocional muito forte relativamente aos momentos passados com os pais durante o casamento, por serem em reduzido número. Ao nível das

**Características Individuais do Pai**, tanto **Negativas** como **Positivas**, estas deixam de ter expressão na **Relação Coparental** na fase do **Pós-Divórcio**, visto que esta dinâmica familiar pode ter deixado de estar presente.

Relativamente à **Relação Pai-Filho** é possível verificar que as **Características Positivas do Pai** na fase **Casamento** tiveram pouca visibilidade pelos participantes, sendo apenas referido por J. e por F.. No entanto, surgem na perspetiva destes dois participantes como algo que veio facilitar a relação entre ambos, [*Esta conversa com o meu pai foi muito rica e muito útil para a relação que eu estabeleço com ele... era mesmo necessário haver um corte... ele explicar-me o que estava a acontecer.* (J.)]. Na fase do **Casamento** destacam-se ainda as **Características Negativas do Pai** surge como o estar ausente [... *meu pai como trabalhava estava muito menos tempo disponível para mim.* (L.)] uma característica referida por quatro dos entrevistados e que marca esta **Relação Pai-Filho** ao longo do **Casamento**. Ao nível da fase do Pós-Divórcio, as características Negativas e Positivas, surgem como estando mais presentes na memória dos filhos, verificando-se uma maior presença de Características Negativas do Pai na relação com o filho, ou seja, mais ausente (2.1.2.) [... *a nossa relação passou a ser diferente porque o meu irmão ele foi viver com o meu pai depois do divórcio... e eu não... então eu afastei-me mais dele... porque fui viver com a minha mãe.* (V.)], mencionado por dois participantes. Por sua vez, e no que diz respeito às **Características Positivas do Pai** nesta mesma relação, verifica-se que quatro dos entrevistados fazem uma leitura positiva da relação que passaram a estabelecer com o Pai após o divórcio dos pais, salientando características como preocupado (2.2.16.) [... *mas depois do divórcio, quando ele já estava na outra casa já começou a ser... comecei a conhecer o meu pai melhor... comecei a ver o meu pai como um pai... que assumia as responsabilidades de pai.* (J.)] e [*o divórcio acaba por me dar um pai, porque agora sinto-me melhor com o meu pai, se calhar do que a minha mãe... acabei por conhecer um pai que não conhecia ... acho que pai sempre foi, mas que não mostrava que era um pai preocupado...* (M.)]; e carinhoso (2.2.17.) [*E de facto com o divórcio eu passei a ter um pai mais presente... que falava mais...* (V.)]. As **Características do Pai**, quer **Positivas** quer **Negativas**, não surtiram qualquer impacto na **Relação Pai-Madrasta**. Destaca-se, por último, as **Características do Pai na Relação Pai-Mãe**, não tendo as **Características Positivas** influenciado nem positiva nem negativamente esta relação. Já o oposto verificou-se, no sentido em que as **Características Negativas do Pai** dificultaram a **Relação Pai-Mãe** durante a fase do **Casamento**, [... *começou a*

*umentar o afastamento e a frieza entre eles, por causa da ausência dele e da sua atitude... fria... (J.)*] referido por três participantes. Mas novamente não há qualquer registo do impacto das **Características Negativas do Pai após o divórcio**, exatamente por os intervenientes terem descrito que a **relação entre pai e mãe** ter terminado.

De acordo com Bodenmann e colaboradores (2007), a falta de compromisso e a alienação emocional são apontados na literatura como os dois principais motivos para a dissolução do casamento, na medida em que os resultados adversos da relação podem advir dos défices de competências centrais na relação, como a comunicação e a resolução de problemas. Desta forma, compreende-se que os participantes deste estudo percecionem o pai como a figura mais ausente e menos cooperante nas tarefas familiares, gerando uma crescente acumulação de *stress* no dia-a-dia dos intervenientes envolvidos, que está mais saliente até do que o pai se ter apaixonado por outra pessoa ou gerar algum tipo de violência sobre o outro parceiro, acabando por culminar no divórcio (*ibidem*). Assim, e muito embora estivessem presentes características negativas que condicionaram a relação do pai com os restantes intervenientes, a perceção dos filhos aponta num sentido positivo relativamente à melhoria da relação que passou a estabelecer com o pai, visto que três dos cinco entrevistados referem que a relação melhorou muito, e que o divórcio foi a melhor solução para todos. Kapinus (2004) reporta os mesmos resultados no seu estudo ao referir que os indivíduos cujos pais se tenham divorciado estão mais propensos a ter opiniões mais favoráveis sobre o próprio divórcio e acabam por fazer com que os pais encarem de forma mais integrada as mudanças que o divórcio acarreta, tornando-os mais compreensivos e mais presentes na vida do filho.

**Tabela 3.** Características Individuais da Mãe nas diferentes Relações que estabelece ao longo do Tempo

Tipo de Relação	Características Positivas da Mãe		Características Negativas da Mãe	
	Casamento	Pós-Divórcio	Casamento	Pós-Divórcio
Coparental	19	3	1	0
Mãe-Filho	14	8	0	3
Mãe-Padrasto	1	1	0	0
Pai-Mãe	1	0	2	0
<b>Tempo</b>	Casamento	Pós-Divórcio	Casamento	Pós-Divórcio

De acordo com a Tabela 3, e de forma sistemática, é possível compreender que as **Características Positivas da Mãe** contribuíram marcadamente para a **Relação Coparental** e para a **Relação Mãe-Filho** durante a fase do **Casamento**. Neste sentido, destacam-se características como, presente (2.2.17.) [*Era sempre a minha mãe... era para me ir deitar, para me ir buscar depois da escola... porque o meu pai estava sempre a trabalhar... (J.)*] e [*... a minha mãe estava em casa, e por isso durante o dia eu passava sempre com a minha mãe... o meu pai estava a trabalhar... (L.)*], reportado por quatro dos participantes; e criativo (2.2.6.) [*Nós fazíamos muitas atividades ligadas com... as artes, e na altura ia com a minha mãe a muitos workshops... nós fazíamos sempre tudo. Era a mãe que nos incentivava nessas áreas... (M.)*] e [*Eu com a minha mãe fazia tudo o que desse para fazer em casa, desde roupas a... não é... e eu gostava imenso desses momentos. (L.)*]. Importa referir que parece ter ocorrido uma diminuição da perceção das Características Positivas da Mãe na fase Pós-Divórcio, justificada pela maior independência dos filhos no momento em que ocorreu o divórcio, deixando de estabelecer por isso uma relação tão pormenorizada como descrevem durante o casamento dos pais. Verifica-se, por sua vez, que nas **Relações Mãe-Padrasto** e **Pai-Mãe** as **Características Positivas da Mãe** não tiveram quase expressão nestas interações, tanto durante o **Casamento** como no **Pós-Divórcio**.

Relativamente às **Características Negativas da Mãe**, quer durante a fase do **Casamento** como no **Pós-Divórcio**, não pareceram estar muito visíveis na perceção dos jovens adultos como tem sido a razão para influenciar as relações que o progenitor estabelecia com outros intervenientes. Desta forma, destacam-se as **Características Negativas da Relação Mãe-Filho** no período **após o divórcio**, na medida em que foi mencionada por uma participante como um período em que a relação com a mãe se deteriorou agravada pela doença oncológica da mãe [*... eu e a minha mãe tornamo-nos distantes... (M.)*]. Por último, destacam-se as **Características Negativas** presente durante o **Casamento** na **Relação Pai-Mãe**, e que pode ser explicado mais uma vez por a relação coparental ter deixado de estar tão presente para a maioria dos intervenientes durante o período de tempo que precedeu ao casamento, em acréscimo a uma relação Pai-Mãe já ela negativa durante o Casamento (Feinberg, 2002).

**Tabela 4.** Características Individuais do Filho(a) nas diferentes Relações que estabelece ao longo do Tempo

Tipo de Relação	Características Positivas do Filho(a)		Características Negativas do Filho(a)	
	Casamento	Pós-Divórcio	Casamento	Pós-Divórcio
Coparental	3	0	0	0
Mãe-Filho	0	0	0	0
Pai-Filho	0	1	0	1
Filho-Madrasta	0	0	0	0
Filho-Meio-Irmão	0	0	0	0
Filho-Padrasto	0	0	0	0
<b>Tempo</b>	Casamento	Pós-Divórcio	Casamento	Pós-Divórcio

Como é possível verificar através da Tabela 4, na percepção dos participantes parece não existir uma relação entre as **Características do Filho-Filha**, tanto as **Positivas** como as **Negativas**, e o **Tipo de Relação** que estabelece com os outros intervenientes, o que indica que estes jovens não percebem as suas características como facilitadoras ou dificultadoras das relações. De acordo com a tabela, é possível verificar que a importância das **Características Positivas do Filho-Filha na Relação Coparental**, sendo mencionada por dois entrevistados a característica independente (2.2.10.) [*passsei a dizer oh mãe eu vou fazer isto e aquilo... e ela dizia ah mas depois pergunta ao teu pai... por isso acho que passei a ter mais liberdade... mais independente nas minhas coisas... (V.)*]. Aqui importa esclarecer que foi considerada como uma característica positiva do interveniente porque a relação coparental foi descrita como sendo muito boa durante a fase do casamento, no entanto, no último ano começou a estar presente um grande afastamento e desgaste desta relação, que culminou numa postura mais independente do filho.

Desta forma, e relativamente ao **Impacto das Características Individuais dos Intervenientes** é possível verificar que existe uma relação positiva entre as **CARACTERÍSTICAS DOS INTERVENIENTES** (2.) e o **IMPACTO** (4.), na medida em que é possível verificar que as **Características Positivas** (2.2.) têm um

**Impacto Positivo** (4.2.), assim como as **Características Negativas** (2.1.) têm um **Impacto Negativo** (4.1). Neste sentido, o **Impacto Positivo das Características Positivas do Pai** destaca-se através da característica preocupado (2.2.16.) [... *eu acho que pai sempre foi... mas não conseguia demonstrar, mas era um pai preocupado... ele e a minha mãe envolviam-se nas tarefas de casa e no colégio...* (M.)]; e da característica presente (2.2.17.) [... *eu passei a ter um pai mais presente... que falava mais...* (V.)]. Por oposição, surge também o **Impacto Negativo das Características Negativas do Pai**, através da verbalização dos participantes de características como a prepotência (2.1.22.) [... *por exemplo a minha mãe vestia-me um vestido... e ele obrigava-me a pôr um fato de treino...* (L.)]; inflexível (2.1.11.) [... *ele obrigava-me a ficar a olhar para ele... eu queria ir brincar com os meus amigos e ele não deixava...* (L.)]; e ausente (2.1.2.) [... *o meu pais sempre se preocupou com a educação... mas nunca esteve lá para isso.* (J.)]. Importa referir também que estão presentes resultados que referem o **Impacto Positivo das Características Positivas da Mãe**, nomeadamente ao nível das características individuais do interveniente, como equilibrado (2.2.8.) [... *que é uma pessoa super equilibrada, e jamais foi capaz de denegrir o meu pai... sempre me incentivou a estar com o meu pai...* (F.)] e presente (2.1.17.) [*Em relação à mãe... ela sempre esteve muito... sempre teve um maior peso...* (J.)]. Por sua vez, e relativamente ao **Impacto Negativo das Características Positivas da Mãe** salienta-se a característica presente (2.1.2.) [... *ela estava doente... não se deixou afetar muito pela doença, e sim fez sempre o papel dela, de estar sempre presente.* (F.)], visto que é uma característica que surge no interveniente originada por um acontecimento de vida externo, como por exemplo acidente ou doença, e que aqui não deve ser lidos como tendo um impacto negativo para os outros mas sim para o próprio interveniente. Também se destaca, ainda que com menos relevância o **Impacto Negativo das Características Negativas da Mãe**, através da característica ausente (2.1.2.) [... *mesmo assim é muito distante... acho que desligamos completamente...* (M.)], o que descreve a vivência da própria mãe do divórcio e que se refletiu na relação com outros intervenientes, nomeadamente a filha. Por último, surge o **Impacto Positivo das Características Negativas do Filho-Filha** como um resultado inesperado, na medida em que não se esperava encontrar relação entre as características negativas e o impacto positivo. No entanto surge aqui numa lógica de que os filhos preocupam-se em adotar algumas práticas individuais dos pais por influência da vivência destes no divórcio, como é o caso da característica inflexível (2.1.11.) [... *eu acho que agora que penso nisso eu assumo uma postura de querer estar*

*muito presente na vida do meu filho... e de às vezes não deixar que o meu companheiro se envolva tanto... (M.)].*

Desta forma, as **Características Individuais dos Intervenientes** interferem na relação que estabelece, ou seja as suas características **facilitam** a relação com os outros intervenientes **se as suas Características forem Positivas**, mas **dificultam se as suas Características forem Negativas**. Importa ainda salientar que existem algumas exceções pouco significativas e que estão relacionadas com acontecimentos de vida, como por exemplo acidente ou doença que tiveram um impacto no próprio indivíduo e que se refletiram nas relações com os outros familiares.

### **3) Quais os desafios inerentes à relação coparental após a vivência de uma situação de divórcio?**

Para responder a esta terceira questão de investigação é necessário analisar os **DESAFIOS** (3.), quer **Familiares** (3.1.) quer **Individuais** (3.2.) ao longo do **TEMPO** (10.), ou seja nas fases do **Casamento** (10.1.), **Pós-Divórcio** (10.3.) e **Processo** (10.5.) reportados pelos participantes. Para isso foram realizadas duas tabelas de resultados.

**Tabela 5.** Desafios Individuais ao longo do Tempo

<b>Tempo</b>	<b>Desafios Individuais</b>			
	Económicos	Educacionais	Emocionais	Saúde
Casamento	1	3	3	9
Pós-Divórcio	1	2	8	0
Processo	1	0	1	1

Através da análise da Tabela 5 é possível verificar que os **Desafios Individuais ao nível da Saúde** (3.2.4.) foram os aspetos que se constituíram como maior exigência ao nível da coparentalidade na fase do **Casamento** [*a minha mãe ficou doente, e pode portanto haver algum fator que tem desestabilizado a relação... é que ela ficou doente e um ano depois ocorreu o divórcio... (M.)*], estando esta subcategoria referida também por outros dois participantes, através do acidente de um dos pais e na doença psiquiátrica de outro pai. Também se destacam os **Desafios Individuais Educacionais**

(3.2.2.) e os **Desafios Individuais Emocionais** (3.2.3.), igualmente citados por três entrevistados, [*As rotinas em casa... por exemplo tomar banho, quando me ia deitar... era a minha mãe... sempre foi mais aberta e mais próxima... (J.)*] e [*...ela tinha tantas coisas para fazer, o trabalho, a casa... mas ainda tinha tempo... disponibilidade emocional para estar comigo e com o meu irmão... acho que era um desafio para ela... a vida... (M.)*], respetivamente. Estes resultados durante a fase do **Casamento** podem estar a traduzir o papel parental de cada um dos intervenientes, nomeadamente a **ausência do Pai** e a **presença da Mãe**, o que se traduz como um **maior desafio na Relação Coparental para a mãe**, agravado pela doença que pode ter surgido em si ou ter sido influenciada pela doença/acidente do cônjuge. De acordo com Braver e colaboradores (2006), após o período de divórcio podem surgir inúmeros fatores que podem contribuir para uma maior dificuldade na gestão pessoal, como por exemplo a diminuição dos recursos económicos, problemas de saúde, diminuição das competências parentais e aumento de sintomatologia psicopatológica.

Por sua vez, é possível verificar que estão presentes **Desafios Individuais** ao nível **Emocional** (3.2.3.) na fase do **Pós-Divórcio**, principalmente para a figura masculina, visto que para a maioria dos participantes o **Pai** passou a ser um elemento presente na sua vida após o divórcio, e que consequentemente implicou mais desafios para esta figura ao assumir as responsabilidades de ser pai [*... para o meu pai... se calhar ser pai outra vez... ele teve que reconsiderar o papel de pai... isso foi sem dúvida o maior desafio para o meu pai... (J.)*]. Novamente estes resultados são congruentes com o que tem sido explorado ao longo deste estudo, na medida em que o **Pai** surge como uma figura ausente durante a fase do **Casamento**, colocando um maior peso na mãe ao nível das responsabilidades parentais. Ao invés, na fase do **Pós-Divórcio**, e devido à rutura da relação coparental, o **Pai** passa a assumir uma maior presença na vida do filho, o que se traduz para a maioria dos participantes como uma aproximação afetiva positiva ao pai.

**Tabela 6.** Desafios Familiares ao longo do Tempo

<b>Tempo</b>	<b>Desafios Familiares</b>
Casamento	22
Pós-Divórcio	17
Processo	0

Relativamente aos **Desafios Familiares**, os participantes reportam que estiveram presentes mais desafios na fase do **Casamento** do que na fase do **Pós-Divórcio**. Assim, verifica-se como principais **Desafios Familiares** a própria relação que era estabelecida entre os pais e os filhos com as respetivas famílias alargadas (eg., avós, tios e sobrinhos); com pessoas externas à família (eg., amantes); ou outros desafios que interferiram na dinâmica familiar (eg., um dos pais estudar à noite), e que se constituíram para todos os intervenientes como exigências que dificultaram a relação coparental durante a fase do casamento. São alguns exemplos disso [*Antes do divórcio... quase todos os fins de semana íamos ter com familiares ou ter com os irmãos dele ou da minha mãe... tínhamos sempre esse contacto... depois ele começou-se a afastar, até não atender telefonemas... por causa da vergonha que o meu pai sentia... porque ele dizia que estava sempre contra quem traia, quem... e acabou a fazer o mesmo... e por isso vergonha sobre o que as outras pessoas podiam pensar ... e depois se foi afastando (J.)*]; [*... o meu pai, que acabou por ter uma relação... ainda durante o casamento... e sim, foi aí em que eles tomaram a decisão de se divorciarem... foi algo muito complicado para mim, para o meu irmão e para a minha mãe... eu achava que até aí tinha uma família perfeita... (M.)*] e [*... tenho ideia é que quando vim para Portugal, aí sim já houve mais diferenças... e as mudanças foi sobretudo ao facto da minha mãe... ou melhor o meu pai chegar cá e como não lhe deram a equivalências na totalidade para os cursos superiores que ele tinha, então ele começou a estudar de noite... o que fez com que não houvesse uma aproximação tão grande... (V.)*]. Por sua vez na fase do **Pós-Divórcio**, e embora que perçecionados apenas por três dos participantes, M., F., e L., os Desafios Familiares continuam a estar presentes, como por exemplo, [*Foi uma confusão ... acho que foi demasiado... a ideia que eu tenho... não sei... nesta fase ... imagino-me dentro de uma máquina de lavar roupa... não consigo... falar à vontade, não consigo expressar na minha cabeça e nos meus sentimentos... acho que esses anos seguintes até ao ano 2008... foi muito confuso... portanto também morreu o meu avô e a minha mãe também tinha um relacionamento assim... acaba por... não consigo se quer... fazer o exercício de me colocar em qualquer momento deste ano... (M.)*] e [*... porque depois inventava aquelas histórias tenebrosas em relação à minha mãe... tentava fazer um cenário... não é, quer dizer... e havia isso... uma vez chegados lá eu ficava com aquele sentimento de nem sequer conseguir interpretar... de por isso era difícil digerir aquilo... não é, mas fê-lo durante anos... (F.)*]. Neste último exemplo importa explicar que estamos a falar numa fase que

precedeu ao divórcio do pai e da mãe e que o pai já estava casado com a atual madrasta de F.. Tais resultados refletem para a existência de uma relação entre as características dos intervenientes e o tipo de relações que estabelecem uns com os outros, sendo possível verificar que as dinâmicas familiares são muitas vezes espelhadas pelos indivíduos na relação coparental com a família nuclear, ou seja (ex-)cônjuge e filhos.

#### 4) Qual a percepção dos filhos sobre o impacto do divórcio e das relações coparentais na vivência da intimidade na idade adulta?

Como última questão de investigação procurou-se compreender as **IMPLICAÇÕES** (5.), **Práticas** (5.1.) e **Relacionais** (5.2.) em cada um dos entrevistados.

**Tabela 7.** Implicações da Vivência da fase do Pós-Divórcio por cada um dos Participantes

Participantes	Implicações	Implicações Relacionais			
	Práticas	Conjugais	Amizade	Intimidade	Papel Parental
J.	7	0	1	2	0
M.	2	2	0	0	8
F.	5	0	0	7	0
V.	1	1	0	0	2
L.	6	0	0	5	0

De acordo com as **Implicações Práticas** nos cinco entrevistados é possível verificar que estas são mais reportadas por parte de J., F. e de L.. No caso do primeiro participante, **J.**, é possível compreender que o período **Pós-Divórcio** apresentou inúmeros aspetos que se constituíram como consequências da vivência do divórcio dos seus pais, nomeadamente por ser ter tornado mais *autónomo* [*Ao viver com a minha mãe tive que aprender a ser mais autónomo comigo mesmo... (J.)*], *cauteloso* [*passei a pensar nas consequências de tudo... em vez de ter alguém a dizer que está mal... (J.)*] e *responsável* [*comecei a ajudar muito a minha mãe, ao nível financeiro, emocional... comecei a trabalhar... foi algo que quis muito e que tive a oportunidade por isso aceitei. (J.)*]. No caso de **F.** destaca-se a *postura* que passou a adotar em relação à sua vida, de pensar primeiro em si e só depois nos outros [*... só que hoje em dia tenho outra*

*postura sobre a vida eu penso assim... não é qualquer coisa... não é pela minha mãe, é por mim!* (F.), e a persistência [*... depois de ter o exemplo da minha mãe, de ter dado o litro e submetido a coisas... tenho o exemplo de persistência... e por outro lado vejo pessoas da minha idade que não têm esse exemplo... e acabam por não ser persistentes como eu procuro ser...* (F.)]. A última participante, **L.**, reflete que a principal consequência da vivência após o divórcio centra-se na sua *necessidade de se sentir normal* perante as coisas que faz [*... acho que me estou a tentar aproximar o mais possível do exemplo da minha mãe... vou tentar ao máximo ser normal...* (L.)] e de se sentir amada [*eu só gostava de ter uma filha ou um filho que gostasse tanto de mim como eu gosto da minha mãe. E isso para mim chegava...* (F.)].

Por sua vez, e relativamente às **Implicações Relacionais**, destacam-se os discursos dos participantes ao nível das **Implicações nas Relações de Intimidade** (5.2.3.), com principal destaque em **F.** e **L.**. Ambas as participantes descrevem as relações amorosas atuais como um reflexo do que não querem para a sua relação, ou seja, o resultado negativo que percecionaram da **Relação Pai-Mãe**, como a falta de comunicação, as discussões, a relação distante ou até mesmo encoberta conjugadas com as Características Individuais de cada interveniente, [*O facto de por exemplo o meu namorado ter atitudes que são completamente iguais ao meu pai e eu entro completamente em pânico... eu procuro mesmo... eu não compreendo e fico mesmo chateada com isso... porque vi no que isso deu entre o meu pai e a minha mãe...* (L.)] e [*ele dizia muitas vezes que tínhamos que ter uma conta quando nos casarmos os dois... isso para mim não faz sentido nenhum... é assim cada um tem a sua... e muitas outras coisas do dia-a-dia, de família, não é, que não fazem sentido* (F.)]. Em último lugar, ao nível das **Implicações Relacionais no Papel Parental** (5.2.4.), surgem as duas participantes que têm atualmente filhos, **M.** e **V.**. Ambas descrevem que o papel parental centra-se na experiência que tiveram ao longo da sua vida com os seus pais, referindo que tiveram um impacto modelador dos aspetos que querem seguir e os que vão procurar não ter presentes, [*Eu agora tenho um filho e não hesito fazer exatamente como a minha mãe fez comigo ou o que o meu pai fez comigo independentemente de algo...* (M.)] e [*... enquanto mãe espero ser igual aos meus pais!* (V.)]. Assim, e acordo com Kapinus (2004), os jovens adultos que passaram pelo divórcio dos seus pais estão mais propensos a atitudes favoráveis ao divórcio, principalmente no género feminino, visto que está presente uma transmissão intergeracional do divórcio entre as influências dos pais e as atitudes dos jovens adultos quanto aos seus próprios filhos.

## Conclusões

As principais conclusões alcançadas neste estudo relacionam-se com a percepção dos participantes sobre a vivência do divórcio dos seus pais, sendo que têm mais presentes a relação coparental, positiva ou negativa, durante o casamento dos pais. Esta quebra perante a fase do pós-divórcio faz emergir um conjunto de características negativas ao longo desta fase e que se explicam pela ausência da relação coparental após o divórcio. Também as características negativas do pai e da mãe no casamento, que remetem para as dificuldades de interação nesta etapa, surgem como desafios familiares, enquanto que durante o pós-divórcio as características negativas resultam de uma ausência ou afastamento dos pais na relação coparental, e que se verifica novamente através dos desafios emocionais no pós-divórcio para cada um dos intervenientes. Por sua vez, é possível concluir também que as características dos intervenientes estão relacionadas com a qualidade da relação que cada um dos elementos estabelece com os outros intervenientes. Como últimas conclusões destaca-se a percepção dos desafios ao nível da saúde, durante o período do casamento, e os desafios emocionais no período após o divórcio, assim como uma percepção global por todos os participantes do impacto positivo do divórcio nas suas vidas, isto é, todos consideram que o divórcio foi um acontecimento que os marcou positivamente porque lhes trouxe aprendizagens muito ricas que procuram atualmente usar na vida diária.

Ao nível das implicações para estudos futuros destaca-se a realização de investigações que olhem para as idiosincrasias de cada história de vida, compreendendo que o casamento é uma etapa pautada por desafios e que tem implicações no projeto de vida de todos os intervenientes. Ressalta-se também a pertinência para olhar para a importância da intervenção familiar, numa lógica de apoiar as famílias nos seus diversos processos de transformação, visto que existem poucos estudos que se debruçam sobre o impacto que as transformações familiares e os acontecimentos de vida podem gerar em cada um dos indivíduos.

Por último salienta-se como principal limitação o não atingimento da saturação teórica, como defendida por Strauss e Corbin (1990) quando exploram o conceito de *Grounded Theory*.

## Referências Bibliográficas

- Adamsons, K., & Pasley, K. (2006). Coparenting following divorce and relationship dissolution. In M. Fine, & J. Harvey (Eds.), *Handbook of divorce and relationship dissolution*, (pp. 241-262). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional* (1ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Alarcão, M., & Relvas, A. P. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Amato, P. R. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and Family*, 62, 1269–1287.
- Amato, P. R., & Booth, A. (2000). *A generation at risk: growing up in a era of family upheaval* (3<sup>rd</sup> ed.). USA: Harvard University Press.
- Asante, K. O., Osafo, J., & Nyamekye, G. K. (2014). An Exploratory Study of Factors Contributing to Divorce Among Married Couples in Accra, Ghana: A Qualitative Approach. *Journal of Divorce & Remarriage*, 55, 16-32. doi: 10.1080/10502556.2013.837715
- Bailey, S. J., & Zvonkovic, A. M. (2003). Parenting After Divorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, 39(3-4), 59-80. doi: 10.1300/J087v39n03\_03
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definição, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229.
- Barnes, G. G. (1999). Divorce transitions: Identifying risk and promoting resilience for children and their parental relationships. *Journal of Marital and Family Therapy*, 25(4), 425-441.
- Baum, N. (2006). Postdivorce paternal disengagement: Failed mourning and role fusion. *Journal of Marital and Family Therapy*, 32(2), 245-254.
- Bodenmann, G., Charvoz, L., Bradbury, T., Bertoni, A., Iafrate, R., Giuliani, C., Banse, R., & Behling, J. (2007). The role of stress in divorce: A three-nation

retrospective study. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(5), 707–728. doi: 10.1177/0265407507081456

Bornstein, M. H. (2002). Parenting Infants. In M. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting: Children and Parenting* (2<sup>nd</sup> ed., vol. 1, pp. 3-43). London: Lawrence Erlbaum Associates.

Braver, S., Shapiro, J., & Goodman, M. (2006). The consequences of divorce for parents. In M. Fine, & J. Harvey (Eds.). *Handbook of divorce and relationship dissolution*, (pp. 313-338). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

Brito, L. M. (2007). Família Pós-Divórcio: A Visão dos Filhos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 27(1), 32-45.

Caldera, Y. M., & Lindsey, E. W. (2006). Coparenting, mother-infant interaction, and infant-parent attachment relationships in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 20, 275-283.

Cavanaugh, J. C., & Blanchard-Fields, F. (2010). Relationships. In J. Cavanaugh, & F. Blanchard-Fields (Eds.). *Adult Development and Aging* (6<sup>th</sup> ed., Chap. 11, pp. 402-446). Wadsworth: Cengage Learning.

Creswell, J. W. (2013). *Qualitative Inquiry and Research design: Choosing among five approaches* (3<sup>rd</sup> ed.). London: SAGE Publication.

Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2011). *The SAGE Handbook of Qualitative Research* (4th ed.). London: SAGE Publications.

Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica: o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.

Elo, S., & Kynga, S. H. (2008). The qualitative content analysis process. *Journal of Advanced Nursing*, 62(1), 107–115. doi: 10.1111/j.1365-2648.2007.04569.x

Epstein, N., Ryan, C., Bishop, D., Miller, I., & Keitner, G. (2003). The McMaster model: A view of healthy family functioning. In F. Walsh (Ed.). *Normal family*

*processes: Growing diversity and complexity*, (3<sup>rd</sup> ed., pp. 581-606). New York: Guilford Press.

Esteves, A. S. (2010). *Estilos Parentais e Coparentalidade: Um Estudo Exploratório com Casais Portugueses* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: a framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5(3), 173-195.

Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131.

Ferrante, J. A. (2005). *Co-parenting in Intact and Divorced Families: Its Impact on Young Adult Adjustment* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Virginia Commonwealth University, Richmond.

Flick, U. (2009). *Desenho da Pesquisa Qualitativa: Coleção Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.

Frizzo, G. B., Kreutz, C. M., Schmidt, C., Piccinini, C. A., & Bosa, C. (2005). O Conceito de Coparentalidade e suas Implicações para a Pesquisa e para a Clínica. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3), 84-94.

Ganong, L. H., & Coleman, M. (2004). *Stepfamily relationships: Development, dynamics and interventions*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Gaspar, S., Ramos, M., & Ferreira, A. (2013). Análise comparativa dos divórcios em casais nacionais e binacionais em Portugal (2001-2010). *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 26, 81-111.

Graneheim, U. H., & Lundman, B. (2004). Qualitative content analysis in nursing research: Concepts, procedures and measures to achieve trustworthiness. *Nurse Education Today*, 24, 105-112. doi:10.1016/j.nedt.2003.10.001

Grzybowski, L., & Wagner, A. (2010). O Envolvimento Parental Após a Separação/Divórcio. *Psicologia: Reflexões e Crítica*, 23(2), 289-298.

- Hetherington, M. (2006). The influence of conflict, marital problem solving and parenting on children's adjustment in nondivorced, divorced and remarried families. In A. Clarke-Stewart, & J. Dunn (Eds.), *Families count: Effects on child and adolescent development* (pp. 203-237). New York: Cambridge University Press.
- Hetherington, M., & Kelly, J. (2002). *For better or for worse: Divorce reconsidered*. New York: Norton.
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2011). *Casamentos dissolvidos por divórcio*. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0005436&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0005436&contexto=bd&selTab=tab2)
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2013). *Casamentos dissolvidos por divórcio*. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0006625&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006625&contexto=bd&selTab=tab2)
- Kauark, F. S., Manhães, F. C., & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da Pesquisa: Um Guia Prático*. Brasil: Via Litterarum Editora.
- Kapinus, C. A. (2004). The Effect of Parents' Attitudes toward divorce on offspring's attitudes: Gender and parental divorce as mediating factors. *Journal of Family Issues*, 25(1), 112-135.
- King, L., & Raspin, C. (2004). Lost and found possible selves, subjective well-being, and ego development in divorced women. *Journal of Personality*, 72, 603-632.
- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2010). Adaptação ao divórcio e relações coparentais: Contributos da teoria da vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 562-574.
- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2013). Perfis de Vinculação, Coparentalidade e Ajustamento Familiar em Pais Recém-Divorciados: Diferenças no Ajustamento Psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 19-28.

- Lamela, D. J. (2009). Desenvolvimento após o Divórcio como Estratégia de Crescimento Humano. *Revista Brasileira sobre o Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 19(1), 114-121.
- Leaper, C. (2002). Parenting Girls and Boys. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting: Children and Parenting*, (2<sup>nd</sup> ed., vol. 1, pp. 189-225). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Leitão, I. C. (2014). *Coparentalidade em situação de divórcio: Regras, rituais e rotinas de crianças em idade pré-escolar e escolar* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal.
- Maccoby, E. E., Depner, C. E., & Mnookin, R. H. (1990). Coparenting in the Second Year after Divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 141-155.
- Martins, A. I. (2010). *Impacto do Divórcio Parental no Comportamento dos Filhos. Fatores que contribuem para uma melhor adaptação: Implicações médico-legais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto, Portugal.
- McBroom, L. A. (2011). Understanding postdivorce coparenting families: Integrative literature review. *Journal of the American Academy of Nurse Practitioners*, 23, 382-388. doi: 10.1111/j.1745-7599.2011.00622
- McConnell, M. C., & Kerig, P. K. (2002). Assessing Coparenting in Families of School-Age Children: Validation of the Coparenting and Family Rating System. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 34, 44-58.
- McHale, J. P., & Irace, K. (2011). Coparenting in diverse family systems. In J. McHale, & K. M. Lindahl (Eds.). *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems* (Chap. 1, pp. 15-37). Washington: American Psychological Association.
- McIntosh, J. (2003). Enduring conflict in parental separation: Pathways of impact on child development. *Journal of Family Studies*, 9, 63-80.

- McIntosh, J., Burke, S., Dour, N., & Gridley, H. (2009). *Parenting after Separation: A Position Statement prepared for The Australian Psychological Society*. Australia: The Australian Psychological Society Ltd.
- McKinney, C., & Renk, K. (2007). Differential parenting between mothers and fathers: Implications for late adolescents. *Journal of Family Issues*, 1-22. doi: 10.1177/0192513X07311222
- Nunes-Costa, R., Lamela, D., & Figueiredo, B. (2009). Psychosocial adjustment and physical health in children of divorce. *Jornal de Pediatria*, 85, 385-396.
- Pedro, A. L. (2013). *Filhos do divórcio: Quando os meus pais se divorciaram* (Dissertação de Mestrado não publicada). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, Viseu, Portugal.
- Pires, R. M. (2014). *Parentalidade e resiliência em casais com filhos a frequentar o primeiro ciclo* (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.
- Prati, L., & Koller, S. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: perspetiva da psicologia positiva. *Psicologia Clínica*, 23(1), 103-118.
- Pruett, M. K., & Donsky, T. (2011). Coparenting after divorce: paving pathways for parental cooperation, conflict resolution, and redefined family roles. In J. McHale, & K. M. Lindahl (Eds.). *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems* (Chap. 11, pp. 231-250). Washington: American Psychological Association.
- Raposo, H. S., Figueiredo, B. F., Lamela, D. J., Nunes-Costa, R. A., Castro, M. C., & Prego, J. (2011). Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(1), 29-33.
- Ritchie, J. (2003). The Applications of Qualitative Methods to Social Research. In J. Ritchie, & J. Lewis. (Eds.). *Qualitative research practice: a guide for social science students and researchers* (pp. 24-46). London: SAGE Publications.

- Roberson, P. N. E., Sabo, M., & Wickel, K. (2011). Internal Working Models of Attachment and Postdivorce Coparental Relationships. *Journal of Divorce & Remarriage*, 52(3), 187-201. doi: 10.1080/10502556.569442
- Saldaña, J. (2011). *Fundamentals of Qualitative Research: Understanding Qualitative Research*. New York: Oxford University Press.
- Schoppe, S., Mangelsdorf, S., & Frosch, C. (2001). Coparenting, family process and family structure: Implications for preschoolers' externalizing behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 15, 526-545.
- Sobral, M. P., Almeida, P. R., & Costa, M. E. (2010). Medo da intimidade, vinculação e divórcio parental: um estudo com jovens adultos. In M., Sobral, P., Almeida, & M., Costa (Eds.), *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (933-1009). Minho: Edições Universidade do Minho.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques* (1<sup>st</sup> ed.). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Stright, A. D., & Neitzel, C. (2003). Beyond parenting: Coparenting in children's classroom adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 31-40.
- Taylor, R., & Andrews, B. (2009). Parental Depression in the Context of Divorce and the Impact on Children. *Journal of Divorce & Remarriage*, 50, 472-480. doi: 10.1080/10502550902970579
- Toomey, E. T., & Nelson, E. S. (2001). Family conflict and young adults' attitudes toward intimacy. *Journal of Divorce and Remarriage*, 34(3), 49-69.
- Vandervalk, I., Spruijt, E., De Goede, M., Meeus, W., & Maas, C. (2004). Marital Status, Marital Process, and Parental Resources in Predicting Adolescents' Emotional Adjustment: A Multilevel Analysis. *Journal of Family Issues*, 25(3), 291-317. doi: 10.1177/0192513X03257429
- Van Egeren, L. A. (2004). The Development of the Coparenting Relationship Over The Transition to Parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 25(5), 453-477.

- Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with Coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development, 11*(3), 165-178.
- Verças, A. R. (2012). *A Coparentalidade e o Apoio Social em Situação de Rutura Conjugal e o Ajustamento dos Filhos: Um Estudo com Famílias Multidesafiadas, com Filhos em Idade Pré-Escolar* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- Vicente, A. (1998). *As mulheres em Portugal na transição do milénio*. Lisboa: Multinova.
- Walsh, F. (2006). *Strengthening family resilience* (2<sup>nd</sup> ed.). New York: Guilford Press.
- Wilson, H. S., & Hutchinson, S. A. (1997). Presenting qualitative research up close: Visual literacy in poster presentations. In J. M., Morse (Ed.), *Completing a qualitative project: Details and dialogue*. California: Sage Publications.

# **Anexos**

## Anexo 1 – Guião de Entrevista Semiestruturado

Dimensões	Subdimensões	Questões para o Entrevistado
<p><i>Componentes da Coparentalidade: Interação pai-mãe antes e depois do divórcio</i></p>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ <u>Comunicação</u> (presente vs. ausente; respeito vs. desrespeito; responsabilidades parentais – rotinas, tarefas, saúde, educação, ambiente familiar; relação emocional – conflitos, conquistas, preocupações, reforços);</li><li>▪ <u>Conflitos</u> e <u>cooperação</u> (interação parental; respeito vs. desrespeito; discussões vs. harmonia; permissividade vs. diálogo; autoritarismo vs. cooperação; envolvimento vs. desinteresse);</li><li>▪ <u>Evolução da relação coparental.</u></li></ul>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Há quanto tempo ocorreu o divórcio dos seus pais? Que idade tinha</li><li>2. Como eram as rotinas em casa (durante as refeições; na hora de brincar/lazer; de adormecer; nas tarefas escolares e de casa)? Quem estava presente? A fazer o quê?</li><li>3. Essa relação era pautada por um envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais? Em que situações verificava isso? Dê-me alguns exemplos.</li><li>4. Alguma vez sentiu diferenças entre as rotinas que eram estabelecidas pelo pai e as que eram definidas pela mãe? Normalmente havia consenso? Quando não havia o que acontecia?</li><li>5. Quem era para si a figura mais exigente e/ou autoritária? Em que situações sentia isso (regras ou castigos)? Porquê? E em relação a recompensas e elogios? Qual dos pais adotava mais esta postura?</li><li>6. Havia alguma alteração nas rotinas ao longo da semana e ao fim de semana? Quais? Que atividades fazia com eles?</li><li>7. E ao nível escolar? Quem é que o ia buscar e levar à escola? Os pais conseguiam conciliar os horários de trabalho para o irem buscar/levar? Essa gestão era fácil? Gerava algum conflito?</li><li>8. Na sua opinião, os seus pais envolviam-se nas suas atividades escolares? Ajudavam na resolução dos trabalhos da escola? Quando tinha dúvidas podia recorrer a eles? Procuravam ir à escola para falar com os professores?</li><li>9. Como descreveria a relação dos seus pais com outros familiares (irmãos, pais, cunhados, sogros, [com os seus avós, tios, ...] ...)?</li><li>10. Antes do divórcio dos seus pais, como descreveria a relação que eles estabeleciam entre si?</li><li>11. Considerava-os muito exigentes ou preocupados com os seus resultados escolares? Ambos eram</li></ol>

---

assim?

12. Frequentou alguma atividade extra curricular quando era criança? A gestão dos horários e as deslocações era fácil de gerir pelos seus pais?
  13. Relativamente a cuidados de saúde, quando estava doente quem costumava cuidar de si? Quem o levava ao médico? Havia consenso na medicação dada? Gerava discussões? Porquê?
  14. Ao nível da relação emocional que os seus pais estabeleciam um com o outro, como descreveria a capacidade de ambos lidarem com os seus próprios conflitos/frustrações/problemas enquanto casal? E no que concerne a conquistas que tenham alcançados juntos? Como geriam?
  15. Sentia que havia espaço para conversas de cariz mais informal entre eles?
  16. Pensando na relação que os seus pais estabeleciam, que valores pautavam esta interação antes do divórcio? Foi sempre assim? Havia respeito ou desrespeito? Conflito ou solidariedade? Flexibilidade ou humilhação?
  17. Na sua perspetiva que mudanças foram surgindo no seio familiar que tenham contribuído para o divórcio dos seus pais? Porque é que acha que isso aconteceu?
  18. Que principais acontecimentos apresentaria como os principais para essas mudanças?
  19. O que mudou em casa? E ao nível escolar? Havia consenso ao nível das decisões por parte do pai e da mãe? E ao nível familiar, o que alterou? Porquê? Como geriu essas mudanças que foram ocorrendo?
  20. Em algum momento teve oportunidade para exprimir ao seu pai ou à sua mãe o que estava a sentir? A quem?
  21. Após a separação dos seus pais, que leitura faz do resultado do divórcio para si? E para os seus pais? Foi uma decisão eficaz/desgastante perante a relação que vivenciavam? Considera que veio trazer maior ou menor bem-estar? Como perceciona que foi interpretado para cada um dos elementos?
  22. Na sua perspetiva, os seus pais conseguiam fazer uma gestão equilibrada das responsabilidades
-

*Fatores que influenciaram a relação coparental*

- Características individuais do pai, da mãe e da criança (idade, género, temperamento, nível de escolaridade, saúde mental, estratégias de  *coping* /resiliência, nível socioeconómico);
  - Acontecimentos de vida (desemprego, emigração, doença, maus-tratos, ...) que influenciaram a relação pai-mãe;
  - Sentimentos despoletados pelo divórcio na relação mãe-pai, mãe-filho e pai-filho (solidão, perda, tristeza, raiva, alívio, alegria, etc);
  - Acontecimentos normativos (reconstituição familiar – recasamento, nascimento de novos filhos, interação com irmãos, madrastas ou padrastos);
  - Relação com a família alargada (o papel de outros elementos da família – pais, avós, tios, ...; suporte vs. conflito).
1. Que idade tinham os seus pais quando se divorciaram?
  2. Atualmente trabalham? O que fazem?
  3. Em algum momento, algum de vocês precisou de recorrer a apoio profissional devido a acidente ou doença? Quem? Quando? Porquê?
  4. Ao nível de temperamento, como caracteriza o seu pai? E a sua mãe? E a si (desafiante, obediente, ...)? E quando era criança?
  5. Que sentimentos seus emergiram durante o processo de divórcio dos seus pais? E na sua perspetiva em relação à vivência deste acontecimento por parte do seu pai? E da sua mãe?
  6. Após o divórcio algum dos seus pais ficou desempregado? Como lidou com essa situação? Isso gerou tensão entre os seus pais? Porquê? Algum emigrou? Quando?
  7. Depois do divórcio, algum dos seus pais voltou a reconstruir família (novo relacionamento, casar, ter filhos)? Como foi essa situação percebida pelo outro par parental?
  8. Em algum momento houve contacto/interação entre a nova família e a/o ex-companheiro(a)? E para si como era esta interação (irmãos, madrasta vs. padrasto)?
  9. Quando estava com eles como era essa relação? O que faziam? Era prazerosa vs. conflituosa?
  10. Estabelecia uma relação próxima com outros familiares? Com quem? Como era essa interação (suporte vs. conflito)?
-

---

*Perceção sobre a  
mudança na relação  
coparental*

- Desafios em estabelecer uma relação coparental após o divórcio (ao nível económico, relacional, emocional, familiar, social, etc);
  - Representações acerca do papel do pai e da mãe, antes e depois do divórcio (distância do pai não residente, localização geográfica das casas dos pais, ausência ou perda de contacto, suporte e acompanhamento do desenvolvimento do filho, intermitência, ...);
  - Implicações para o percurso desenvolvimental do filho na idade adulta (intimidade, projeto de vida, casamento, papel de ser pai/mãe).
1. Na sua opinião quais foram os principais desafios para os seus pais consequentes do divórcio?
  2. Foram vivenciados de igual forma por ambos os pais? Porquê?
  3. Ao nível económico, o divórcio privou o pai e/ou a mãe de manter o estilo de vida que tinha anteriormente? O que mudou?
  4. Como foi gerida a interferência da decisão do tribunal na relação coparental? Que impacto teve? Esta decisão trouxe mais conflito ou não? Que tipo de guarda ficou definida? Foi unânime?
  5. Quando os seus pais tinham que comunicar entre si para decidirem sobre questões que o envolviam, como o faziam?
  6. Na sua perspectiva, como é que os seus pais conseguiam fazer a gestão dos rituais e dos valores familiares? Isso gerava algum tipo de discussão ou colocava em questão a perceção de lealdade do outro pai?
  7. Havia coerência entre as decisões do pai e as da mãe? Com que frequência? Em que situações?
  8. Em que medida os desafios gerados pela separação dos seus pais geraram necessidade de se afastar deles e de se refugiar em si próprio? Como geriu essa necessidade? Que idade tinha?
  9. Alguma vez sentiu que estava a servir de intermediário entre os seus pais? Quando? O que estava a acontecer?
  10. Notou, em algum momento, que o seu pai/mãe ou ambos tivessem modificado a forma como interagiam consigo? O que mudou? (Permissividade? Proteção? Regras e recompensas? Castigos? Infantilização?) Por parte de quem?
  11. Na sua opinião quais eram as principais razões que levavam os seus pais a comunicarem entre si?
  12. Em algum momento percebeu que havia um maior protagonismo por parte de um progenitor? Por quem? Porquê?
  13. Em que medida a relação que estabelecia com o seu pai e a sua mãe, antes da separação, se manteve igual após o divórcio? O que é que alterou?
  14. Quando se sentia mais preocupado ou tinha algum problema sentia-se à vontade para falar com
-

---

eles? Sentia apoio? E atualmente?

- 15.** Como descreve o papel do seu pai e da sua mãe na sua vida depois do divórcio?
  - 16.** Após o divórcio com quem passou a morar? Foi ouvido nesta decisão? Como se sentiu?
  - 17.** Como geriu a distância do pai não residente? Modificou em algum aspeto a qualidade da relação que estabelecia anteriormente ao divórcio? Como classifica essa relação (de suporte, intermitente ou de ausência)?
  - 18.** Que leitura faz sobre as implicações que o divórcio dos seus pais pôde ter no seu projeto de vida, como por exemplo de casar, ser pai/mãe, do divórcio, etc)?
-

## Anexo 2 – Consentimento Informado



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

### Pedido de colaboração no estudo e Consentimento Informado

**Tema:** *A relação coparental no Divórcio*

**Investigador Principal:** Ana Isa Teixeira Chaves (Mestranda em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano – Universidade Católica Portuguesa do Porto)

**Orientação:** Professora Dr.<sup>a</sup> Elisa Veiga, Professora Dr.<sup>a</sup> Mariana Negrão e Professora Dr.<sup>a</sup> Lurdes Veríssimo

Está a ser realizado um estudo com o objetivo de compreender a perceção de jovens adultos relativamente à vivência da relação coparental dos pais em situação de divórcio. Para este estudo será necessário realizar-se uma entrevista sobre alguns tópicos relacionados com a perceção da relação coparental dos seus pais antes e depois do processo de divórcio. Esta entrevista será gravada em áudio, no sentido de garantir um maior rigor na análise dos dados, sendo o material recolhido totalmente destruído após o processo de tratamento de dados.

A sua participação é totalmente voluntária, pelo que poderá optar por interromper ou desistir em qualquer momento ao longo da entrevista. Caso não pretender falar sobre determinado assunto, a sua decisão será inteiramente respeitada.

A sua identidade, assim como quaisquer dados que o/a possam identificar permanecerão completamente confidenciais e nunca serão revelados, assegurando-se assim a privacidade e confidencialidade da sua participação.

Concluimos, reforçando a nossa disponibilidade para responder a quaisquer dúvidas que possam surgir ao longo do processo, podendo contactar para qualquer dúvida o orientador principal – 22 619 62 00 (extensão 134).

Eu, \_\_\_\_\_,  
compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo em que serei incluído(a). Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar em qualquer momento a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo.

Por isso, consinto a minha participação no estudo proposto pelo investigador.

***Assinatura do/a participante:***

\_\_\_\_\_

Porto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015

**O investigador responsável:**

\_\_\_\_\_

## Anexo 3 – Sistema Integral de Categorias

### 1. CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO

#### 1.1.Negativas

1.1.1. Ansiosa

1.1.2. Ausente

1.1.3. Conflituosa

1.1.4. Confusa

1.1.5. Denegrir

1.1.6. Desgaste

1.1.7. Distante

1.1.8. Encoberta

1.1.9. Fachada

1.1.10. Forçada

1.1.11. Fria

1.1.12. Insuficiente

1.1.13. Intermediária

1.1.14. Má

1.1.15. Miserável

1.1.16. Oposição

1.1.17. Penosa

1.1.18. Pior

**1.1.19. Recusa**

**1.1.20. Superficial**

**1.2. Positivas**

**1.2.1. Abertura**

**1.2.2. Acordo-Congruente**

**1.2.3. Amizade**

**1.2.4. Apaixonada**

**1.2.5. Apoio**

**1.2.6. Boa**

**1.2.7. Carinhosa**

**1.2.8. Complementaridade**

**1.2.9. Compreensão**

**1.2.10. Cooperante**

**1.2.11. Cumplicidade**

**1.2.12. Equilibrada**

**1.2.13. Estável**

**1.2.14. Feliz**

**1.2.15. Flexibilidade**

**1.2.16. Forte**

**1.2.17. Funcional**

**1.2.18. Longa**

1.2.19. Marcante

1.2.20. Partilhada

1.2.21. Pedagógica

1.2.22. Perfeita

1.2.23. Preocupação

1.2.24. Presente

1.2.25. Respeitosa

1.2.26. Saudável

1.2.27. Sincera

## 2. CARACTERÍSTICAS DOS INTERVENIENTES

### 2.1. Negativas

2.1.1. Antipático

2.1.2. Ausente

2.1.3. Complicado

2.1.4. Conservador

2.1.5. Desapaixonado

2.1.6. Desprezível

2.1.7. Egocêntrico

2.1.8. Exigente

2.1.9. Forreta

2.1.10. Impaciente

2.1.11. Impossível

2.1.12. Influenciável

2.1.13. Instrumentalizador

2.1.14. Insuportável

2.1.15. Manhosa

2.1.16. Mau-feitio

2.1.17. Mimado

2.1.18. Obcecado

2.1.19. Obsessivo

2.1.20. Obstinado

2.1.21. Prepotência

2.1.22. Recusa

2.1.23. Submissão

2.1.24. Teimosia

## 2.2. Positivas

2.2.1. Apaixonado

2.2.2. Calmo

2.2.3. Competente

2.2.4. Consciente

2.2.5. Corajoso

2.2.6. Criativo

- 2.2.7. Determinado
- 2.2.8. Equilibrado
- 2.2.9. Figura Masculina
- 2.2.10. Independente
- 2.2.11. Inteligente
- 2.2.12. Liberal
- 2.2.13. Maturidade
- 2.2.14. Paciente
- 2.2.15. Persistente
- 2.2.16. Preocupado
- 2.2.17. Presente
- 2.2.18. Romântico
- 2.2.19. Sensatez
- 2.2.20. Sensível

### **3. DESAFIOS**

#### **3.1.Familiares**

#### **3.2.Individuais**

- 3.2.1. Económicos
- 3.2.2. Educacionais
- 3.2.3. Emocionais
- 3.2.4. Saúde

## **4. IMPACTO**

### **4.1.Negativo**

### **4.2.Positivo**

## **5. IMPLICAÇÕES**

### **5.1.Práticas**

### **5.2.Relacionais**

#### **5.2.1. Nas Relações Conjugais**

#### **5.2.2. Nas Relações de Amizade**

#### **5.2.3. Nas Relações de Intimidade**

#### **5.2.4. No Papel Parental**

## **6. INFORMAÇÃO SEM IMPORTÂNCIA**

## **7. INTERVENIENTES**

### **7.1.Avós**

### **7.2.Filho-Filha**

### **7.3.Irmã**

### **7.4.Irmão**

### **7.5.Madrasta**

### **7.6.Mãe**

### **7.7.Meia-Irmã**

### **7.8.Meio-Irmão**

### **7.9.Padrasto**

**7.10. Pai**

**8. ORGANIZAÇÃO DOS PAPÉIS PARENTAIS**

**8.1.Ao nível da Distribuição das Tarefas em Casa**

**8.2.Ao nível da Educação**

**8.3.Ao nível da Relação Social**

**8.4.Ao nível da Saúde**

**8.5.Ao nível das Rotinas**

**8.6.Ao nível do Lazer**

**9. PROCESSO DE DIVÓRCIO**

**9.1.Idade**

**9.2.Origem-Motivo**

**9.3.Postura**

**9.3.1. Aceitação**

**9.3.2. Rejeição**

**10. TEMPO**

**10.1. Casamento**

**10.2. Namoro**

**10.3. Pós-Divórcio**

**10.4. Presente**

**10.5. Processo**

## **11. TIPO DE RELAÇÃO**

**11.1. Coparental**

**11.2. Filho-Irmão**

**11.3. Filho-Madrasta**

**11.4. Filho-Meio-Irmão**

**11.5. Filho-Padrasto**

**11.6. Mãe-Filho**

**11.7. Mãe-Padrasto**

**11.8. Neto-Avós**

**11.9. Pai-Filho**

**11.10. Pai-Madrasta**

**11.11. Relação Mãe-Pai**

**11.12. Tio-avô-Tia-avó**

**11.13. Tios-Tias**

## Anexo 4 – Descrição do Sistema Integral de Categorias

### 1. Categoria: CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO

**Descrição:** Propriedades específicas das ligações estabelecidas entre os diversos intervenientes envolvidos

#### 1.1. Subcategoria: Negativas

**Descrição:** Propriedades negativas provenientes das relações entre os indivíduos

Código	Exemplo dos Dados
1.1.1. <u>Ansiosa</u>	Depois o resto do fim de semana decorria com relativa normalidade, à exceção daqueles momentos de ansiedade que eu sentia (F.)
1.1.2. <u>Ausente</u>	O meu pai estava ausente durante a semana... (J.)
1.1.3. <u>Conflituosa</u>	Sentia que por minha causa havia discussões...por causa da educação ... (J.)
1.1.4. <u>Confusa</u>	Era confuso, era como se houvesse duas caras... (F.)
1.1.5. <u>Denegrir</u>	E porque depois inventava aquelas histórias tenebrosas em relação à minha mãe... (F.)
1.1.6. <u>Desgaste</u>	Porque a minha mãe sentiu-se desgastada com a ausência do meu pai quando começou a estudar... (V.)
1.1.7. <u>Distante</u>	Ao fim de semana... sábados... a maior parte das vezes o meu pai não estava em casa... (J.)
1.1.8. <u>Encoberta</u>	Ela não tinha noção que o meu pai me fazia isso nas viagens de carro... (F.)
1.1.9. <u>Fachada</u>	Portanto que há aquela fachada de perante a sociedade são pessoas que se comportam de acordo com o que é

	considerado normal... (F.)
<b>1.1.10. <u>Forçada</u></b>	Ele levava-me de propósito para sítios sem rede para eu não poder despedir-me da minha mãe à noite... (L.)
<b>1.1.11. <u>Fria</u></b>	a minha mãe e o meu pai eram mais frios ... (J.)
<b>1.1.12. <u>Insuficiente</u></b>	O amor não era suficiente portanto os sacrifícios eram muitos ... (F.)
<b>1.1.13. <u>Intermediários</u></b>	Eu muitas vezes era mediadora entre os dois... eu falava entre os dois ... (L.)
<b>1.1.14. <u>Má</u></b>	Eu sabia que qualquer coisa estava mal ... (J.)
<b>1.1.15. <u>Miserável</u></b>	Eu não estou a imaginar um tio-avô que tem uma relação miserável com uma tia-avó que vão de repente divorciar-se ... (F.)
<b>1.1.16. <u>Oposição</u></b>	Ele opôs-se a tudo... ele não queria o divórcio e a minha mãe queria... (F.)
<b>1.1.17. <u>Penosa</u></b>	Há coisas que são tenebrosas mesmo, um terror psicológico... quer dizer há muitas maneiras de dizer as coisas ... (F.)
<b>1.1.18. <u>Pior</u></b>	A relação que eu tinha com o meu pai era pior ... (J.)
<b>1.1.19. <u>Recusa</u></b>	Porque simplesmente ele não quis que eu entrasse em contato com ele ... (F.)
<b>1.1.20. <u>Superficial</u></b>	Porque eu com os meus avós tinha aquele contato muito superficial... (F.)

## **1.2. Subcategoria: Positivas**

**Descrição:** Propriedades positivas provenientes das relações entre os indivíduos

### **1.2.1. Abertura**

Abertura de falarmos de tudo... (M.)

---

<b>1.2.2. <u>Acordo-Congruente</u></b>	Estavam sempre em consenso e sintonia... (M.)
<b>1.2.3. <u>Amizade</u></b>	Eles tinham uma relação amigável... (J.)
<b>1.2.4. <u>Apaixonada</u></b>	Eu acho que ali havia amor e paixão... (F.)
<b>1.2.5. <u>Apoio</u></b>	O primeiro recurso era a minha mãe... ela estava sempre muito presente e apoiava-nos no que precisasse-mos... (M.)
<b>1.2.6. <u>Boa</u></b>	Era de qualidade. Era boa... (J.)
<b>1.2.7. <u>Carinhosa</u></b>	A minha mãe sempre foi mais carinhosa... (V.)
<b>1.2.8. <u>Complementaridade</u></b>	... acho que acabavam por se complementar... (M.)
<b>1.2.9. <u>Compreensão</u></b>	Havia ali muita compreensão ... (M.)
<b>1.2.10. <u>Cooperante</u></b>	Cooperação sempre houve... principalmente porque tinham um filho... (J.)
<b>1.2.11. <u>Cumplicidade</u></b>	Temos idades muito próximas e acabamos por estarmos os dois ligados... havia um bom relacionamento e cumplicidade ... (M.)
<b>1.2.12. <u>Equilibrada</u></b>	A minha mãe e o meu pai levavam-nos ao colégio e traziam-nos à noite ... (M.)
<b>1.2.13. <u>Estável</u></b>	Era estável sem sinais aparentes de qualquer crise... (M.)
<b>1.2.14. <u>Feliz</u></b>	Eles tiveram um casamento tipo feliz... (F.)
<b>1.2.15. <u>Flexibilidade</u></b>	Havia flexibilidade entre ambas as partes... (M.)
<b>1.2.16. <u>Forte</u></b>	Temos esta ligação muito umbilical... (F.)
<b>1.2.17. <u>Funcional</u></b>	As coisas funcionavam muito bem ai domingo... (J.)
<b>1.2.18. <u>Longa</u></b>	E durante dez, onze anos vivemos todos juntos... (F.)

---

1.2.19. <u>Marcante</u>	Eu valorizava muito o tempo que estava com o meu pai...porque era pouco... (J)
1.2.20. <u>Partilhada</u>	Passava o tempo com ele e com a minha mãe... tentávamos fazer coisas a três ainda... (J.)
1.2.21. <u>Pedagógica</u>	Ele tinha esta coisa de inculcar a educação ... (F.)
1.2.22. <u>Perfeita</u>	Quando se sentava à mesa era tudo uma família perfeita... (J)
1.2.23. <u>Preocupação</u>	Ela sempre me protegeu um bocadinho no sentido de eu saber que eu estava primeiro ... (L.)
1.2.24. <u>Presente</u>	A minha mãe esteve sempre lá... estava sempre lá quando era preciso... (J.)
1.2.25. <u>Respeitosa</u>	Sentia que havia sempre muito respeito... (V.)
1.2.26. <u>Saudável</u>	Era algo normal haviam sempre aquelas discussões mínimas... (J.)
1.2.27. <u>Sincera</u>	Eu com ele tinha uma relação até sincera ... (F.)

## 2. Categoria: CARACTERÍSTICAS DOS INTERVENIENTES

**Descrição:** Propriedades específicas dos indivíduos envolvidos.

### 2.1. Subcategoria: Negativas

**Descrição:** Propriedades negativas específicas dos indivíduos envolvidos.

2.1.1. <u>Antipático</u>	Ele não era muito simpático, com toda a gente...não era uma pessoa que faria muito para agradar aos outros... (L.)
2.1.2. <u>Ausente</u>	O meu pai ou estava sempre fora ou estava sempre ocupado... (J.)
2.1.3. <u>Complicado</u>	O meu pai sempre foi uma pessoa muito complicada e

---

	continua a ser... (L.)
<b>2.1.4.</b> <u>Conservador</u>	Muito mais conservador...com aquela ideia pré – feita de que o amor é para sempre... (F.)
<b>2.1.5.</b> <u>Desapaixonado</u>	A minha mãe não era apaixonada pelo meu pai...nesta fase já não seria... (F.)
<b>2.1.6.</b> <u>Desprezível</u>	O meu padrasto é um banana...ele deitou tudo a perder por uma coisa tão insípida... (F.)
<b>2.1.7.</b> <u>Egocêntrico</u>	O meu pai é completamente egocêntrico... (L.)
<b>2.1.8.</b> <u>Exigente</u>	O meu pai eu tenho agora uma perceção trazida pelo meu irmão...que ele continua a ser rígido... (F.)
<b>2.1.9.</b> <u>Forreta</u>	Nós viajávamos imenso e era sempre com o mínimo custo, não se tirava fotografias porque custava dinheiro revelá-las... (L.)
<b>2.1.10.</b> <u>Impaciente</u>	Ele era impaciente do género se tivesse que esperar numa fila cinco minutos não conseguia... (J.)
<b>2.1.11.</b> <u>Impossível</u>	O miúdo era mesmo uma coisa impossível ... (F.)
<b>2.1.12.</b> <u>Inflexível</u>	Às vezes não deixo que o meu companheiro se envolva tanto... (M.)
<b>2.1.13.</b> <u>Influenciável</u>	O pai era mais mole, mais fácil de dar a volta... (M.)
<b>2.1.14.</b> <u>Instrumentalizador</u>	Acabou por me instrumentalizar para magoar a minha mãe... (F.)
<b>2.1.15.</b> <u>Insuportável</u>	Porque ele era um puto insuportável... (F.)
<b>2.1.16.</b> <u>Manhosa</u>	É que eu era manhosa que me fartava... (F.)
<b>2.1.17.</b> <u>Mau feitio</u>	E além disso tem mau feitio... (L.)

---

2.1.18. <u>Mimado</u>	Ele era assim uma criatura pequenina, mimada... (F.)
2.1.19. <u>Obcecado</u>	O meu pai eu sei que era louco pela minha mãe... ele era obcecado... (F.)
2.1.20. <u>Obsessivo</u>	Ele tem a roupa catalogada por tamanhos, tem as canetas expostas de forma ordenada... (L.)
2.1.21. <u>Obstinado</u>	O meu pai sempre foi obstinado por ter sido posto de parte... (F.)
2.1.22. <u>Prepotência</u>	A minha mãe não trabalhava porque ele não deixava e tinha que ser tudo à maneira dele... (L.)
2.1.23. <u>Recusa</u>	Eu no início recusei-me a falar com o meu pai durante muito tempo... (F.)
2.1.24. <u>Submissão</u>	A minha mãe sempre assumiu uma postura mais submissa... ela nunca consegui alcançar as coisas que pretendia... (L.)
2.1.25. <u>Teimosia</u>	Eu sou teimosa, muito teimosa... (F.)

## 2.2. Subcategoria: Positivas

**Descrição:** Propriedades positivas específicas dos indivíduos envolvidos.

2.2.1. <u>Apaixonado</u>	Eu sei que o meu pai era apaixonado pela minha mãe... (F.)
2.2.2. <u>Calmo</u>	Ela é muito calma... (J.)
2.2.3. <u>Competente</u>	Ele é um bom profissional, competente... (J.)
2.2.4. <u>Consciente</u>	Eu tenho consciência que a identidade de cada um de nós influencia o relacionamento de toda a gente... (F.)
2.2.5. <u>Corajoso</u>	Eu enchi-me de coragem e disse que não queria mais aquilo... cortei relações... (F.)

---

<b>2.2.6. <u>Criativo</u></b>	Nós fazíamos muitas atividades ligadas com a arte... (M.)
<b>2.2.7. <u>Terminado</u></b>	Eu no fundo acho que aos treze anos senti aquela coisa como um rapto...e por isso nunca mais falei com eles até agora... (F.)
<b>2.2.8. <u>Equilibrado</u></b>	Nunca notei desorganização na gestão... a minha mãe era uma pessoa muito organizada... (M.)
<b>2.2.9. <u>Figura masculina</u></b>	Ele aí passou a assumir uma postura de pai completamente... (L)
<b>2.2.10. <u>Independente</u></b>	Ao viver com a minha mãe tive que aprender a ser mais independente comigo mesmo... (J.)
<b>2.2.11. <u>Inteligente</u></b>	O meu pai é uma pessoa super inteligente, super didático... (L.)
<b>2.2.12. <u>Liberal</u></b>	A minha mãe quanto às saídas era muito mais liberal... (V.)
<b>2.2.13. <u>Maturidade</u></b>	O meu irmão tem uma maturidade incrível...ele faz uma leitura da relação entre mim e o meu pai com muita cautela... (F.)
<b>2.2.14. <u>Paciente</u></b>	Eu vejo a minha mãe como uma pessoa paciente... o oposto do pai... (J.)
<b>2.2.15. <u>Persistente</u></b>	Eu não desisto com muita facilidade das coisas. (F.)
<b>2.2.16. <u>Preocupado</u></b>	Comecei a ver o meu pai como um pai preocupado, que assumia as responsabilidades de pai... (J.)
<b>2.2.17. <u>Presente</u></b>	A minha mãe, ela estava sempre presente... (J.)
<b>2.2.18. <u>Romântico</u></b>	O meu era um romântico... (F.)
<b>2.2.19. <u>Sensatez</u></b>	Eu acho que tenho mais sensatez... (F.)

---

---

**2.2.20. Sensível**

Mas a mãe lá está...ela sempre foi mais sensível... (V.)

---

**3. Categoria: DESAFIOS**

**Descrição:** Aspectos que se constituíram como exigências acrescidas na coparentalidade antes e/ou depois do divórcio.

---

**3.1. Subcategoria: Familiares**

**Descrição:** Exigências familiares que surgiram na coparentalidade antes e/ou depois do divórcio.

---

Quase todos os fins de semana íamos ter com familiares ou ter com os irmãos dele ou da minha mãe... depois ele começou a afastar-se até, não atender telefonemas... por causa da vergonha que ele sentia... (J.)

---

**3.2. Subcategoria: Individuais**

**Descrição:** Exigências individuais que surgiram na coparentalidade antes e/ou depois do divórcio.

---

**3.2.1. Económicos**

Nós tínhamos a consciência que se ele não estivesse a trabalhar nós não conseguíamos aproveitar e fazer que fazíamos... (M.)

---

**3.2.2. Educacionais**

Ela conseguia ser mãe e pai ao mesmo tempo...acabou por suprimir a eventual falta de um pai... (F.)

---

**3.2.3. Emocionais**

Se calhar para o meu pai ele teve que reconsiderar o papel de pai... isso foi sem dúvida o maior desafio para ele ... (M.)

---

**3.2.4. Saúde**

A minha mãe ficou doente, e pode portanto haver algum fator que tenha destabilizado a relação... (M.)

---

**4. Categoria: IMPACTO**

**Descrição:** Conjunto de situações vivenciadas pelos indivíduos que facilitaram ou dificultaram as relações entre os intervenientes.

---

---

#### 4.1. Subcategoria: Negativo

**Descrição:** Conjunto de situações vivenciadas pelos indivíduos que dificultaram as relações entre os intervenientes.

---

O trabalho do meu pai teve um impacto muito negativo no casamento... ele estava sempre ausente... (J.)

---

#### 4.2. Subcategoria: Positivo

**Descrição:** Conjunto de situações vivenciadas pelos indivíduos que facilitaram as relações entre os intervenientes.

---

Ele começou a ouvir-me mais, a estar mais disponível... (J.)

---

### 5. Categoria: IMPLICAÇÕES

**Descrição:** Aspetos que se constituem como consequências para o filho-filha ao nível do estabelecimento de relações (íntimas, de amizade, conjugais e do papel parental enquanto pais), assim como de consequências práticas na sua vida.

---

#### 5.1. Subcategoria: Práticas

**Descrição:** Aspetos que se constituem como consequências práticas para a vida dos filhos.

---

Eu hoje em dia assumo outra postura sobre a vida não é qualquer coisa que quero... (F.)

---

#### 5.2. Subcategoria: Relacionais

**Descrição:** Aspetos que se constituem como consequências para o filho-filha ao nível do estabelecimento de relações íntimas, de amizade, conjugais e do papel parental enquanto pais.

---

##### 5.2.1. Nas Relações Conjugais

... atualmente tenho uma relação pacífica... deixei de acreditar e assumi isso não só pelo divorcio dos meus pais mas também em relação ao relacionamento com o meu companheiro... (M.)

---

##### 5.2.2. Nas Relações de Amizade

... por exemplo em relação aos amigos eu sei escolhe-los, antes quando era mais novo qualquer pessoa era amigo... (J.)

---

---

5.2.3. Nas Relações de Intimidade

Eu tenho experiência de me ter ligado a uma pessoa com quem ia eventualmente casar... eu não me senti minimamente receosa de ter medo que as coisas corressem mal ... (F.)

---

5.2.4. No Papel Parental

Eu agora tenho um filho e não hesito em fazer exatamente como a minha mãe fez comigo ou o que o meu pai fez comigo... (M.)

---

**6. Categoria: INFORMAÇÃO SEM IMPORTÂNCIA**

**Descrição:** Dados recolhidos das entrevistas que não apresentam relevância para o presente estudo.

---

Sei lá...já foi há muito tempo... (J.)

---

**7. Categoria: INTERVENIENTES**

**Descrição:** Indivíduos que podem estabelecer entre si inúmeras relações.

---

7.1. Avós

Os meus avós serão muito mais conservadores... (F.)

---

7.2. Filho-Filha

Eles tinham uma relação amigável... sobretudo porque eu existia... (J.)

---

7.3. Irmã

Tenho uma irmã mais nova ... (V)

---

7.4. Irmão

Tenho um irmão mais novo filho do meu pai e da minha mãe ... (M.)

---

7.5. Madrasta

A mulherzinha instruí a o filho para atingir a minha mãe... (F.)

---

7.6. Mãe

A minha mãe era quem me acompanhava nas tarefas... (J.)

---

7.7. Meia-Irmã

Ela é muito mais nova do que eu... (J.)

---

7.8. Meio-Irmão

Achei por acaso ele foi corajoso o meu irmão tinha consciência que tinha uma irmã e que a queria conhecer... (F.)

---

---

7.9. Padrasto

Ele foi portanto uma figura masculina para mim... como um pai... (L.)

---

7.10. Pai

O meu pai devia ter reconhecido as falhas enquanto pai... (J.)

---

## 8. Categoria: ORGANIZAÇÃO DOS PAPÉIS PARENTAIS

**Descrição:** Distribuição das diferentes tarefas relacionadas com o filho-filha ao nível da relação coparental, antes e depois do divórcio.

---

8.1. Ao nível da distribuição de tarefas em casa

Era muito pacífico arrumava a casa e outro tratava do almoço... (V.)

---

8.2. Ao nível da Educação

Em relação à escola o meu pai sempre com a minha educação, mas nunca esteve lá para isso... (J.)

---

8.3. Ao nível da Relação Social

Nós ao fim de semana ia-mos para Vilar de Mouros porque tínhamos lá casa, fazíamos muitas vezes os quatro um programa fora do Porto... (M.)

---

8.4. Ao nível da Saúde

Ao nível de saúde quando era puto magoava-me muito... a minha mãe estava sempre em casa e por isso não tinha nenhum problema... (J.)

---

8.5. Ao nível das Rotinas

A única vez que estava com os meus pais era à noite... de manhã ia para a escola...chegava à noite e jantava tarde... (J.)

---

8.6. Ao nível do Lazer

Lembra-me de algumas cassetes de vídeo que ele trazia para tentar compensar a sua ausência... lembro-me que ele depois ficava a brincar connosco... (M.)

---

## 9. Categoria: PROCESSO DE DIVÓRCIO

---

---

**Descrição:** Principais características que marcaram a passagem do casamento para o divórcio, como por exemplo a idade dos intervenientes, a origem-motivo do divórcio e a postura de cada interveniente nesta fase.

---

**9.1. Idade** Eu tinha doze anos quando os meus pais se divorciaram... (J.)

---

**9.2. Origem-Motivo** Eu sinceramente acho que há muitas razões... mas eventualmente o amor não era suficiente... (F.)

---

**9.3. Postura** O meu pai teve uma postura absolutamente nojenta e que não deixou levar nada... (F.)

---

## **10. Categoria: TEMPO**

**Descrição:** Momento que marca a relação estabelecida entre os diversos intervenientes envolvidos.

---

**10.1. Casamento** A relação que eu tinha com o meu pai era pior do que quando estavam casados... eu não tinha tanto contato com ele... (J.)

---

**10.2. Namoro** Eu sei que eles namoravam há meses e houve assim uma interrupção porque na altura estavam a terminar o curso... (F.)

---

**10.3. Pós-Divórcio** Para mim foi um alívio também ver a minha mãe assim... deu-nos segurança, porque eu compreendi que o meu pai estava noutra casa e que podia continuar a visitá-lo... (J.)

---

**10.4. Presente** A minha mãe mantém atualmente esse relacionamento foi uma coisa boa que apareceu para ela... (J.)

---

**10.5. Processo** Aí nessa altura eles ainda não estavam divorciados quer dizer estavam mas não pelo papel... (J.)

---

## **11. Categoria: TIPO DE RELAÇÃO**

**Descrição:** Ligação estabelecida entre pelo menos dois indivíduos da mesma família, consoante o grau de

---

---

	afinidade.
<b>11.1. <u>Coparental</u></b>	Todos nós sabíamos que estava qualquer mal entre os três só que ninguém falava, e muitas das discussões eram por minha causa... (J.)
<b>11.2. <u>Filho-Irmão</u></b>	Para mim foi muito normal, eu era muito mais velha que o meu irmão mas tem uma boa relação... (V.)
<b>11.3. <u>Filho-Madrasta</u></b>	Passado pouco tempo um ano e tal, o meu pai arranjou uma namorada de quem eu gostava muitíssimo e que acabou por casar com ela... (F.)
<b>11.4. <u>Filho-Meio-Irmão</u></b>	E na altura andava no colégio quando descobri que aquela criaturinha ia passar a ser o meu meio irmão... (F.)
<b>11.5. <u>Filho-Padrasto</u></b>	Ele Não era uma pessoa de dar muitos carinhos mas eu até gostava dele enquanto padrasto mas sem o filho... (F.)
<b>11.6. <u>Mãe-Filho</u></b>	A relação com a minha mãe sempre foi super normal... (L.)
<b>11.7. <u>Mãe-padrasto</u></b>	A minha mãe tem um namorado que é como se fosse marido e que vive com ela eles têm uma relação incrível ... (L.)
<b>11.8. <u>Neto-Avós</u></b>	Eu com os méis avos tinha aquele contato muito superficial... eu via-os nas épocas festivas ou quando eles vinham ao Porto para estar com a família... (F.)
<b>11.9. <u>Pai-Filho</u></b>	A relação que eu tinha com o meu pai antes do divórcio era pior... pior da maneira em que eu não tinha tanto contato com ele... (J.)
<b>11.10. <u>Pai-Madrasta</u></b>	Era uma relação agradável, nunca presenciei nenhum conflito... eles funcionam como um casal qualquer... (J.)
<b>11.11. <u>Relação Pai-Mãe</u></b>	Eles tinham uma relação muito fria, distante... (J.)

---

---

**11.12. Tio-Avô-Tia-avó**

Eu não estou a imaginar um tio-avô que tem uma relação miserável com a tia-avó a divorciar-se... (F.)

---

**11.13. Relação Tios-Tias**

Eu sei que eles também se chateiam e se desapaixonam mas mantêm as aparências... (F.)

---